

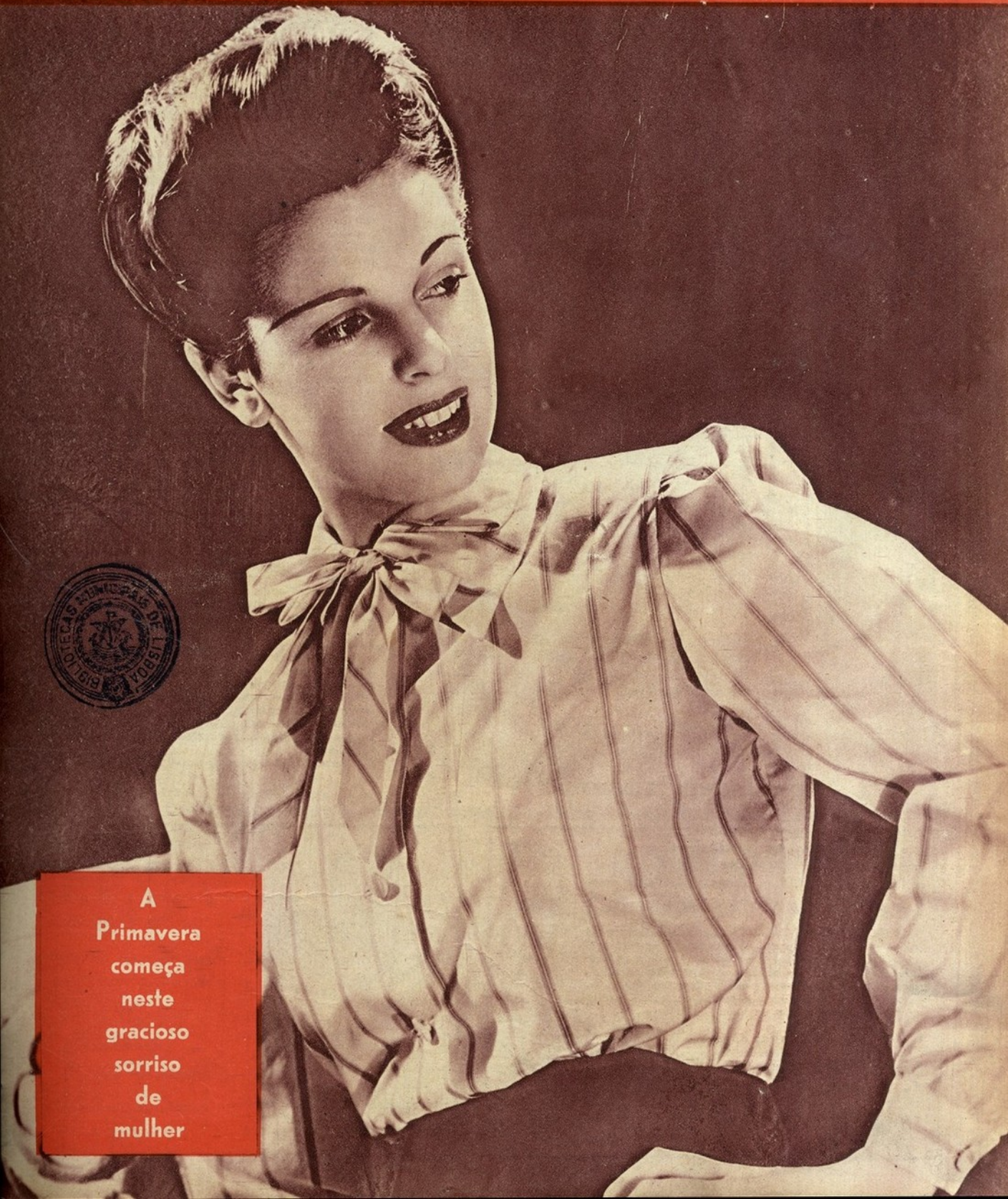
380

DEPÓSITO LEGAL
FEV 1943

MUNDO GRÁFICO



A
Primavera
começa
neste
gracioso
sorriso
de
mulher



**14 MILHÕES
DE QUILOMETROS
sobre os países e mares
de todo o mundo**

por JOHN FISHER

QUANDO nos primeiros meses do verão de 1941 a guerra se estendeu até à ilha de Creta, cinco hidroaviões britânicos desarmados efectuaram, dali, viagens regulares para Alexandria. Esses aviões amaravam ao crepúsculo na baía de Suda e levantavam vôo de madrugada. Assim, foram evacuados quatrocentos e setenta subditos britânicos e aliados que se salvaram da morte ou dos campos de concentração alemães.

Os dois hidroaviões «Coorong» e «Cambria» faziam, então, parte da frota de transportes aéreos da Gran-Bretanha que ainda hoje é o mais modesto e mais silencioso de todos os serviços silenciosos ingleses e também dos mais preciosos.

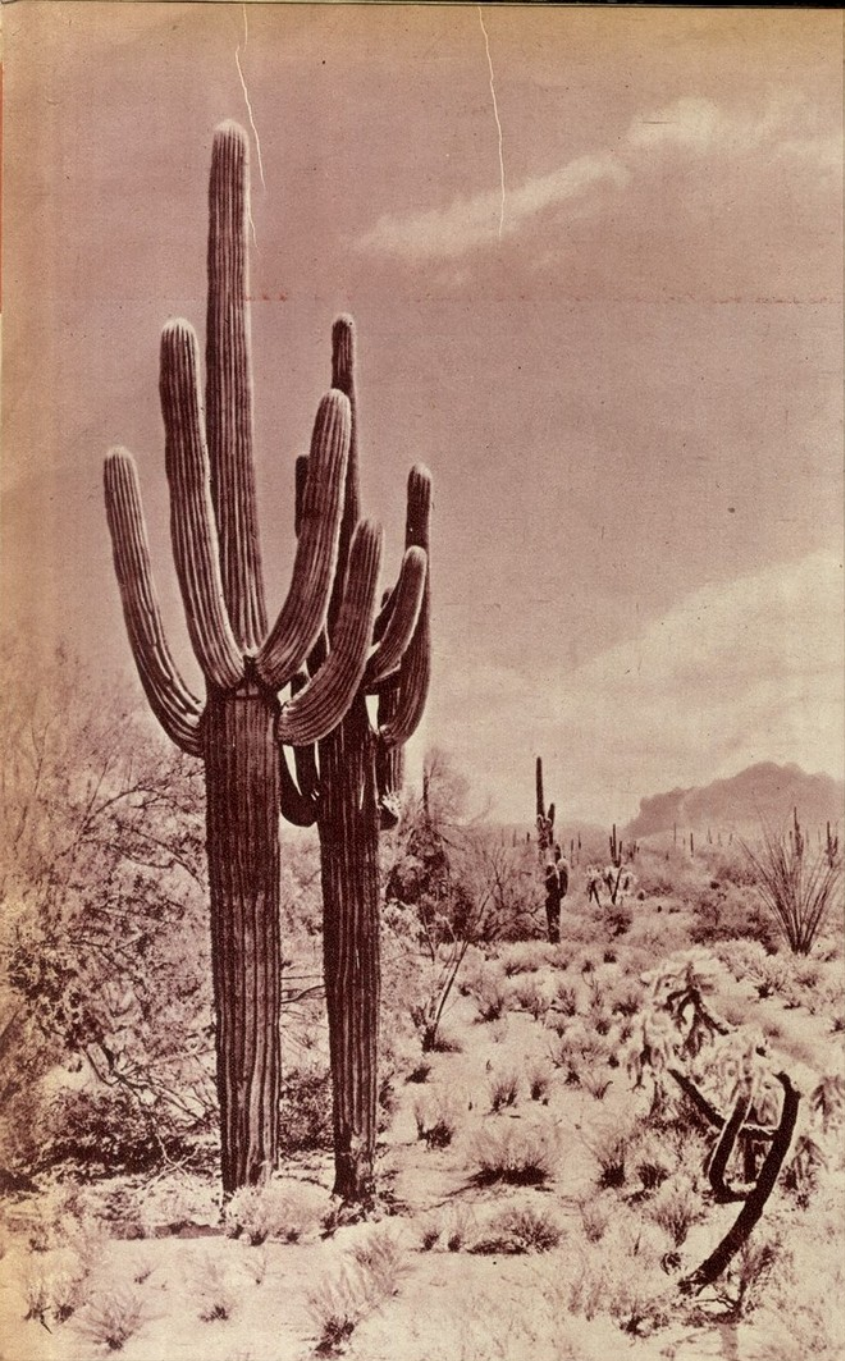
Mesmo na Inglaterra, numerosas pessoas imaginavam que a guerra suspendeu totalmente todas as linhas aéreas britânicas e que os aviões que saíam de Heston, Croydon e Southampton estão imobilizados por tempo indeterminado. No entanto, o serviço de transportes aéreos da Gran-Bretanha estende-se, actualmente, aos cinco continentes e os seus aparelhos percorrem regularmente linhas aéreas que se prolongam por sessenta e cinco mil quilómetros, ou sejam 95 por cento da quilometragem de antes da guerra.

Em 1940, ano da batalha de Inglaterra, os aviões de transporte ingleses percorreram um total de 8.850.000 quilómetros, transportando trinta milhões de cartas. Estes números foram ultrapassados em 1941 e espera-se que no período que termina em Março de 1943 a quilometragem percorrida atingirá 13.592.000 quilómetros. Transportam, actualmente, por dia, 90.000 «airgraphs» (cartas microfotografadas), outras cartas ordinárias que são enviadas pelo correio aéreo e fazem continuação o vai-e-vem dos homens e mulheres das forças armadas britânicas do ultramar e os seus parentes e amigos das ilhas britânicas.

Depois da eclosão do conflito, os serviços de transportes aéreos foram organizados segundo uma base mais racional. Existiam antes da guerra duas companhias rivais: a Imperial Airways e a British Airways. Fundiram-se, depois, para formar a British Overseas Airways, organização sem finalidade lucrativa, que segue exclusivamente as instruções do Governo.

Isto não tem, porém, nada de surpreendente, tan-

(Continua na página 29)



PAISAGEM TROPICAL

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



CREME E PASTA
DE AMÊNDOAS

Rainha da Hungria

SÃO PRODUTOS M. CAMPOS

2

produtos indispensáveis
à beleza da sua pele

Academia
Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35

LISBOA

REFLEXOS DO MUNDO



Um dos navios que tomaram parte no gigantesco combóio anglo-americano que desembarcou tropas na África do Norte

Uma condecoração

O almirante Cunningham — um nome que desde o princípio da guerra tem estado em primeiro plano — recebeu do Presidente Roosevelt, como presente de Natal, a Medalha de Serviços Distintos.

O general Eisenhower regressara ao quartel general, vindo da frente, quando encontrou a mensagem de Roosevelt pedindo-lhe para condecorar o Almirante.

Eisenhower dirigiu-se à residência de Cunningham, em Argel, onde o encontrou à mesa no jantar de Natal, com os seus convidados. Ali mesmo, em frente de todos, lhe colocou ao peito a medalha que ele tão heroicamente ganhou.

4 navios por dia

A América havia calculado construir, em 1942, oito milhões de toneladas de navios mercantes, como aqui dissemos. Ultrapassou esse número, pois construiu 8.090.800.

Para 1943 os cálculos previs-

tos são de 16 milhões de toneladas.

O Presidente Roosevelt, quando deu a conhecer o número das construções em 1942, disse que em 1943, os dezasseis milhões seriam também ultrapassados.

O grande arsenal, em que se transformaram os Estados Unidos, continua a dar as suas provas.

Os navios construídos em 1942 foram 746, uma média de mais de dois por dia.

Pois agora a média é de 4, se não 5, por dia. Só isto seria a vitória. A liberdade nos mares e a ofensiva na terra e no ar.

Submarino afundado

A traineira britânica «Lord Nuffield» afundou na costa norte-africana o submarino italiano «Emo», apesar de este ser mais veloz e ter peças maiores — em suma, ser um submarino.

A «Lord Nuffield» descobriu o inimigo e preparava-se para lançar cargas de profundidade, quando o periscópio surgiu à superfície, apenas a alguns metros de distância.

O submarino mergulhou e durante vinte minutos sucederam-se as explosões das bombas de profundidade. O «Emo» foi forçado a voltar à superfície.

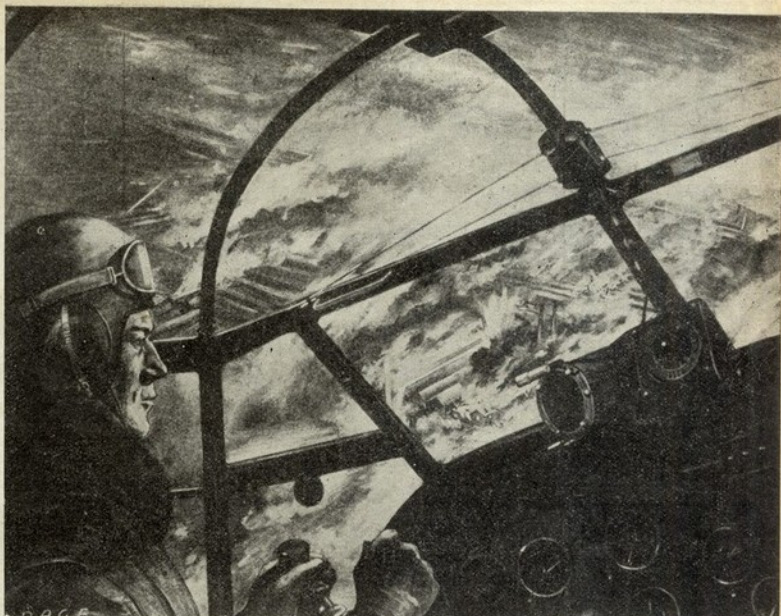
Os dois adversários abriram fogo.

A traineira aproximou-se. Uma das suas granadas fez explodir o depósito de munições do «Emo», que teve de suspender fogo.

O comandante italiano deu ordem à tripulação para abandonar o navio e, poucos minutos depois, o «Emo» ia para o fundo. Como vêm, a esquadra inglesa domina por completo, um mar que antes da guerra, era, denominado superiormente por alguns o «mare nostrum».

Presente de Natal

Entre os presentes recebidos pelo jovem Rei Façal do Irão, que pouco menos tem que oito anos, no Ano Novo, destaca-se o do general Alexander, comandante-em-chefe do Médio Oriente.



Era um tank de um metro de comprimento, manobrando perpetuamente, como qualquer daqueles monstros essenciais na guerra moderna.

A oferta de Alexander era pesada demais para ser transportada de avião do Cairo a Teheran. Foi um camião levá-la, especialmente, à capital persa.



Um dos heróis do 8.º Exército

A rainha da Holanda

Um dos nossos jornais diários relatou um facto que mostra bem claramente a simplicidade da Rainha Guilhermina da Holanda.

A soberana anda pelas ruas de Londres, de bicicleta e sozinha, como andava no seu país.

Há dias ia, distraidamente, por uma rua na sua máquina, quando um polícia a mandou parar, que Sua Magestade tinha atravessado no momento exacto em que se abria o sinal verme-

A R. A. F. num dos seus terríveis bombardeamentos a Turim, deixa a cidade em chamas

lho indicando o impedimento da passagem.

O agente repreendeu-a, sêcamente, e a rainha, longe de se dar a conhecer, pediu desculpa da sua falta.

Alguém de lado a reconheceu. — É a Rainha da Holanda.

Ela, porém, em vez de aceitar as confusas desculpas do polícia, continuou a apresentar-lhe as suas, como o faria qualquer transeunte, bem educado. São estes actos de simplicidade, de dignidade e de familiaridade que a engrandecem aos olhos do seu povo. Os exemplos vêm de cima.

Três heróis

No princípio do Novo Ano foram conhecidas as recompensas da Gran-Bretanha aos seus heróis da guerra.

Entre outros destacam-se três figuras de primeira grandeza. O Visconde Lord Gort e Sir Archibald Wavell e sir Roger Keyes. Os dois primeiros foram promovidos a Marechal.

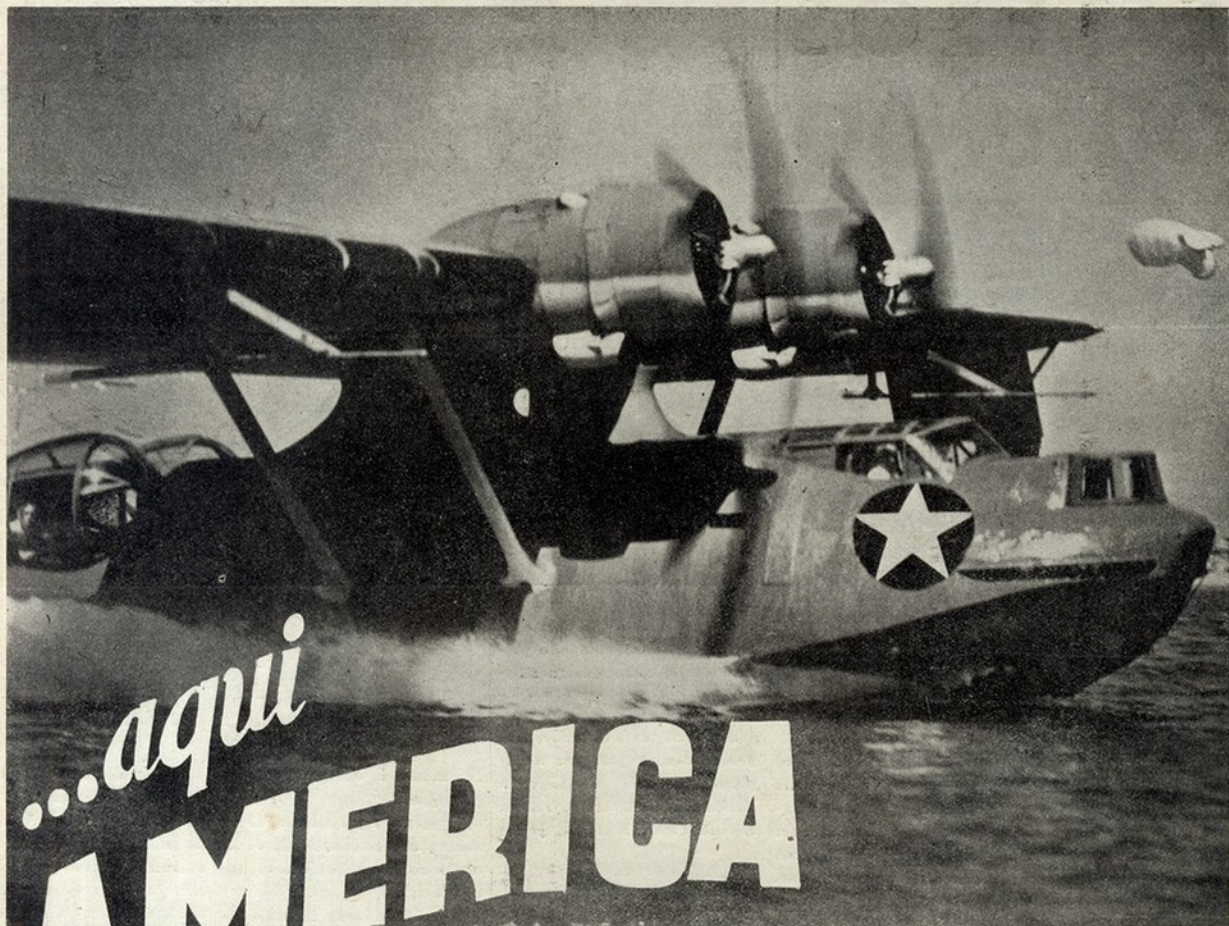
Lord Gort é o actual Governador de Malta — o reduto invulnerável — depois de ter comandado Gibraltar e o Corpo Expedicionário Britânico em França. Na outra guerra ganhou a Victoria Cross.

O Marechal Wavell comanda as tropas da Índia depois de, no Médio Oriente, ter destruído os exércitos inimigos, incomparavelmente, superiores.

Ao almirante Sir Roger Keyes foi concedido o título de Barão. É o herói de Geebrugge na guerra de 1914 e nesta foi o organizador das tropas-fantasma que já assinalaram a ferro e fogo a sua existência — os «Comandos». Tem 69 anos e fazia os exercícios, com os seus homens e como qualquer deles. Seu filho foi vítima do heroísmo em África, ao atacar o quartel de Rommel.



Os pequenos ingleses também já são marinheiros



...aqui
AMERICA

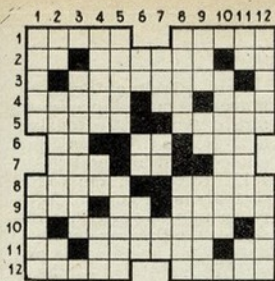
Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7,15	WDJ	Todos os dias.....	39,7 m. (7,565 mc/s)
7,15	WRCA	Terça-feira a Domingo...	31,02 m. (9,67 mc/s)
7,15	WNBI	Só Segunda-feira	25,23 m. (11,89 mc/s)
8,30	WRCA	Terça-feira a Sábado.....	31,02 m. (9,67 mc/s)
8,30	WNBI	Só Segunda-feira	25,23 m. (11,89 mc/s)
18,30	WDO	Todos os dias.....	20,7 m. (14,47 mc/s)
19,30	WRCA	Todos os dias.....	19,8 m. (15,15 mc/s)
19,45	WGEA	Segunda-feira a Sábado..	19,56 m. (15,33 mc/s)
21,30	WGEA	Todos os dias.....	19,56 m. (15,33 mc/s)
21,30	WDO	Todos os dias.....	20,7 m. (14,47 mc/s)

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA



PROBLEMA N.º 55

HORIZONTAIS

- 1 — Fura em muitos pontos — Aquilo a que mais aspiramos.
- 2 — Artigo (pl.) — Conjunto de navios de guerra pertencentes a uma nação — Nome duma letra grega.
- 3 — *Apelido do comandante das tropas Neo-Zelandezas no Médio Oriente.*
- 4 — Discursai — Nêsse lugar — Agora.
- 5 — Substância azotada que se encontra na urina — Espécie de mesa destinada a fazer sacrificio aos deuses.
- 6 — Pronome pessoal neutro (inglês) — Nota musical — Caminhavam.
- 7 — Vazio — Cidade da Caldêa, donde partiam os hebreus sob a direcção de Abrahão (Bibl.) — Parte em que se amuram as velas do navio.
- 8 — Ver — Eventualidade.
- 9 — Coloca — Artigo (antigo) — Condutas.
- 10 — *Apelido do chefe do Estado Maior da União Sul-Africana.*
- 11 — Preposição e artigo — Terraço — Polvilho.
- 12 — Denuncia. — Verbais.

VERTICAIS

- 1 — Uma das ilhas Jónias (antiga Corcyra) — Dá a sua opinião.
- 2 — Reis (abrev.) — Que adivinha por meio dós ídolos — Antes de Cristo.
- 3 — *Apelido do vice-Almirante que comanda uma das esquadras americanas no Pacifico.*
- 4 — Trespassei — Em partes iguais — Afirmação (inglês).
- 5 — Substância mineral, granulosa ou pulverulenta — Tornava a ver.
- 6 — Adjectivo possessivo (inglês) — Mulo — Ver o que está escrito.
- 7 — Extremidade de algumas peças de vestuário — Dirigir-se — Batráquio.
- 8 — Imaginação — Anuio.
- 9 — Oferecer — Medida itinerária chinesa equivalente a cêrca de 576 metros — Temperatura elevada.
- 10 — Nome da parte meridional da Suécia.
- 11 — Atmosfera — Que tem muitos ramos. — Nome duma letra grega.
- 12 — Misturar vinhos de qualidades diferentes — As partes duras e sólidas que formam o esqueleto.



Solução do problema n.º 54



WAVELL NA ÍNDIA



QUANDO o general Wavell foi nomeado comandante das forças imperias na Índia, a noticia foi acolhida como uma indicação clara de que o governo de Londres estava decidido a defender o continente asiático e a Europa contra qualquer tentativa séria de penetração nipônica no sentido do Ocidente. Nenhum chefe militar mais categorisado e mais idôneo para realizar êsse objectivo. A sua recente promoção ao posto de marechal, distincção só agora conferida desde que se iniciou o conflito actual, significa que a obra por êle realizada correspondeu inteiramente às exigências que haviam determinado a sua escolha.

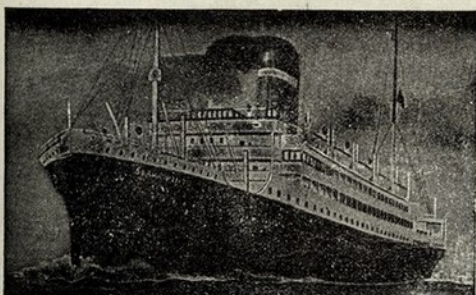
Essa obra tem sido gigantesca no dominio da preparação militar e da realização estratégica. Sir Archibald completou, com uma rapidez impressionante, a organização de um grande exercito moderno que se destina não apenas a defender a Índia contra um ataque eventual dos japoneses mas a desempenhar um papel de capital importância em acontecimentos que não deixarão de se produzir na Asia, dentro de um prazo de tempo relativamente curto. Pode dizer-se mesmo, com exactidão, que êsses acontecimentos já começaram a produzir-se em boa parte.

O que ali se está passando tem de ser visto no quadro geral da grande offensiva das Nações Unidas anunciada pelo marechal Smuts no seu discurso histórico proferido, em Outubro de 1942, perante a Câmara dos Comuns. Essa offensiva foi desencadeada, simultaneamente, em várias frentes: ataque do 8.º Exército britânico no Egipto, que redundou numa acção vitoriosa que já conduziu os ingleses às proximidades de Trípoli e lhes deu, além da libertação total daquêle pais, a posse da Cirenaica e duma parte da Tripolitânia; desembarque anglo-americano na Argélia e em Marrocos que, além de uma posição privilegiada para fazer a guerra intercontinental, trouxe de novo o Império francês para a luta ao lado das Nações Unidas; contra-offensiva russa ao longo da extensa frente que vai do Mar Branco ao Mar Negro; acção americana no Pacifico Sul; offensiva britânica na India para a reconquista da Birmânia, como elemento essencial para a libertação total da China e para o ataque a desencadear, oportunamente, contra o Japão.

O marechal Wavell preparou minuciosamente essa offensiva que visa, em primeiro lugar, Akyab, depois a reabertura da estrada por onde deve seguir o material destinado ao exercito glorioso do marechal Chang-Kai-Chek e, por último, a reconquista total da Birmânia e a cooperação com as tropas chinesas. Ninguém melhor do que o heroi da primeira campanha de Africa que está em condições de realizar êsses importantes objectivos militares e políticos.

OS PAQUETES

da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas —

PAQUETES

- «Sarpa Pinto» 8.267 T.
- «Mouzinho» 8.374 »
- «Colonial» 8.309 »
- «João Belo» 7.540 »
- «Guiné» 8.200 »

VAPORES DE CARGA

- «Pungue» 6.290 T.
- «Malange» 5.050 »
- «Lobito» 4.200 »
- «Sena» 1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgilio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — **Tel. 2.0051**

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — **Tel. 2.342**



ALMIRANTE BURROUGH

O herói do cambóio de Malta que é actualmente uma das figuras mais populares da Gran Bretanha entrou para o serviço da Armada Real há, aproximadamente, quarenta anos. Quando estalou a actual conflagração, prestava serviço no Estado Mator do Almirantado. Foi promovido a contra-almirante e confiaram-lhe o comando dum grupo de cruzadores.

Durante a última conflagração, o almirante Burrough distinguia-se, de maneira decisiva, como oficial de artilharia, matéria a que sempre devotou, no decurso de uma carreira inteiramente consagrada ao serviço naval, a sua melhor atenção e os seus cuidados constantes. Na batalha da Jutlândia, era tenente, prestando serviço a bordo do «Southampton». Este navio bateu-se contra cinco unidades da armada alemã tendo afundado o «Frauenlob».

Terminada a conflagração de 1914-18, Burrough prestou serviço na Austrália confirmando os créditos de excelente artilheiro de que já gosava. Deu numerosas provas não apenas da sua competência militar mas também do seu tacto político.

A última acção de importância decisiva realizada pelo almirante Burrough foi a direcção da escolta do cambóio há algum tempo enviado para reabastecer Malta, o qual foi objecto dum ataque intensissimo do inimigo. Nessa acção, o famoso marinheiro britânico deu, mais uma vez, sobejas provas da sua competência profissional, da sua decisão e do seu heroísmo tendo sido justamente consagrado esse feito que ficará sendo um dos mais importantes da Armada Real.

CRÓNICA INTERNACIONAL

AS TAREFAS DA PAZ

INGLÊSES e americanos perocupam-se, idênticamente, com as tarefas da paz. Clemenceau costumava dizer: «Eu faço a guerra». Não será, porém, possível fazer a guerra e pensar, simultaneamente, na paz? A actividade actual dos dirigentes políticos de Londres e Washington demonstra, de maneira irrefutável, que as duas tarefas não são inconciliáveis. Homens de Estado como Winston Churchill e o presidente Roosevelt dedicam-se, ao mesmo tempo, a projectar e a executar a estratégia que prepara o caminho da vitória e a preparar os planos cuja realização tem de ser a consequência dessa vitória.

O aparecimento do plano Beveridge suscitou não apenas nos países interessados, mas por toda a parte, num interesse compreensível. A imprensa da Gran-Bretanha e dos Estados Unidos, por entre o noticiário sensacional da luta militar, está a discuti-lo com uma frequência reveladora. O problema está pois, sendo reforçado por um conjunto sincero de opiniões.

O último discurso do presidente Roosevelt produziu em todo o mundo uma profunda sensação. A consciência do grande homem do Estado americano como se iluminou ao falar da futura paz.

«Queremos uma paz digna e duradoura». Esta frase vale como uma sentença; é mais uma balisa no caminho, cuja primeira etapa foi a histórica «Carta do Atlântico», firmada pelos dois presidentes — Churchill e Roosevelt — e a segunda os quatro princípios, que o último, proclamou, como mensagem do mundo, após a guerra.

Agora, porém, o Chefe do Estado americano foi mais longe. A sua doutrina como que se enriqueceu de idéias ainda mais valiosas, cuja concepção deve estar sendo elaborada no formalismo dum programa pelos técnicos.

O Presidente afirmou que além dos quatro princípios que enunciou, haverá mais outro — a garantia de que todos terão o pão e o trabalho assegurados.

E acrescentou: «As Nações Unidas podem e devem permanecer para assegurar a paz». E, naturalmente, explicou porque era necessário manter de pé, indestrutivelmente unida, essa admirável e gigantesca coligação, evitando assim — acentuou — que a guerra surja de novo aqui ou ali, como fermento de política de quaisquer países.

Vê-se, pois, que, em plena luta, a paz está sendo organizada. Conta, pelo menos já com a poderosa estrutura das Nações Unidas que continuarão assim resolvendo em comum todos os problemas de ordem económica, social e militar.

Nesse bloco, que já provou a sua resistência, está-se gerando uma obra digna de humanidade. Estamos crentes que a paz, embora não seja intangível, pode, no entanto, firmar-se em sólidos alicerces por longo tempo, como conquista duradoura da nossa época. Não mais, decerto a guerra ficará ao alcance dum indivíduo ou dum raça. A experiência que estamos sofrendo é uma lição.

Se o ano de 1942 foi quasi exclusivamente dedicado às exigências da arte militar, já permitiu, no entanto, no decurso dos seus últimos meses, avaliar o cuidado que a preparação da paz, para evitar novos e dolorosos precalços, mereceu ao bloco das Nações Unidas. Grupos de especialistas e de técnicos, entre os mais reputados, ocuparam-se do assunto desbravando o caminho que os dirigentes políticos seguiram até Roosevelt. No ano 1943 com o discurso do chefe de estado americano completou-se a tarefa meritória que já se encontrava em curso.

O OBSERVADOR

A guerra

Os acontecimentos agora marcham mais depressa de que o tempo. A ofensiva das Nações Unidas que começou em novembro de 1942, accelera-se em todos os teatros da guerra. Agora já não é, apenas, o direito que lhes assiste — a defesa das nações, dos povos, e das almas — mas a força, poderosa e numerosa, dos exércitos que marcham no Norte de Africa, na Tripolitânia, na Rússia, na Índia e na Oceania.

Por toda a parte se desfaldam, vitoriosas, as bandeiras da Inglaterra e dos Estados Unidos. Caminha-se para a decisão. O ano de 1943 verá grandes coisas. Como disse Roosevelt, as forças das Nações Unidas avançarão consideravelmente, pelas estradas que conduzem a Berlim, a Roma e a Tóquio.

A ofensiva aérea

No fim da corrente ano, as Nações Unidas terão no ar, aproximadamente, duzentos mil aviões — somando à produção de 1943 a dos anos anteriores, nos diversos países que constituem a gigantesca coligação. Serão verdadeiros exércitos do ar que, com o peso das suas bombas e dos seus canhões, dominarão o inimigo. Roosevelt revelou ao mundo os números da produção. Uma verdadeira avalanche, irrealizável que supera, e esmaga tudo!

A impressão do «Mundo Gráfico»

Tem o Mundo Gráfico recebido, dos seus leitores, algumas cartas estranhando deficiências de impressão da nossa revista.

O processo de rotogravura que utilizamos — e só a empresa encarregada da impressão do Mundo Gráfico o executa — exige tintas especiais, solúveis em gasolina.

As constantes reclamações apresentadas por esta revista, responde a Neogravura, Ld., afirmando não ter, por dificuldades de importação, as tintas com que inicialmente o Mundo Gráfico se publicou, além do que, era forçada a preparar aquelas de que dispõe com água, por não lhe serem atribuídas, pelas entidades competentes, as quantidades de gasolina indispensáveis.

Em consequência disso, o Mundo Gráfico está a estudar cuidadosamente o assunto, recorrendo de futuro, se necessário for, a outro processo de impressão.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**

Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, Ld.

redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld., Travessa da Oliveira, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Fraternidade de armas anglo-franco-americana. Os generais Patton, comandante-chefe das forças americanas na África ocidental francesa, e Noguès, e altas individualidades britânicas, durante uma visita a Casablanca, passam entre as espadas dos valorosos spahis



O capitão Randolph Churchill, filho do grande ministro inglês, combate agora na Tunísia

TUNISIA

Na terra, no mar e no ar
as forças anglo-americanas
dominam
a África e o Mediterrâneo

A actividade aérea no Mediterrâneo, nos dois sectores em que a batalha de África se desenvolve, os ataques incessantes e eficazes à ilha de Creta e a saída de Gibraltar, anunciada pelo inimigo, de uma poderosa formação naval da qual faziam parte navios de linha e porta-aviões mostram até que ponto a Grã-Bretanha domina, incontestadamente, naquêlo teatro de operações. Na terra, no mar e no ar, êsse domínio acentua-se em cada dia que passa e não tardará a tornar-se definitivo.



Prisioneiros alemães capturados em Oran. E' assim que eles se apresentam às forças anglo-americanas



missão que os ingleses e americanos a si próprios impuzeram em Africa. Enquanto do lado da Tunisia os efectivos à ordem do general Anderson e o material que eles utilizam estão a ser constantemente reforçados, o que pode fazer-se graças à liberdade de movimentos da navegação entre Gibraltar e os portos argelinos, o general Montgomery avança em direcção a Tripoli deixando a sua rearguarda solidamente organizada.

Aproxima-se o momento em que o 8.º Exército, que têm realizado a mais extraordinária façanha desta guerra, cobrindo em dois meses a distância gigantesca que separa El Alamein de Sirte e derrotando completamente um adversário poderoso, dará a decisão da batalha de Africa por uma decisiva vitória britânica.

O desembarque da artilharia americana numa praia da Africa do Norte. Um canhão de grosso calibre, puxado por um tractor, vai ocupar posição

As nações do "eixo" ocupam, praticamente, no continente africano, uma estreita faixa de terreno entre Tunis e Bizerta, e, ao longo da costa, segue até à fronteira tripolitana. A parte, cada vez mais reduzida do território da Tripolitânia ainda em seu poder é apenas o terreno onde se realiza uma apressada manobra: a retirada do marechal Rommel. Ninguém tem ilusões sobre o fim exacto dessa manobra que consiste em salvar o que ainda fôr possível salvar do Afrika Korps e dos restos das divisões italianas que ainda se conservam em Africa.

No mar nada escapa ao domínio da esquadra britânica.

No ar, a R. A. F., em cooperação estreita com a aviação americano aumenta constantemente a sua superioridade. A acumulação de forças que está a fazer-se no sector ocidental do teatro africano destina-se a dar o golpe decisivo de carácter local. No conjunto do teatro de operações africano e mediterrânico, o domínio aéreo da Gran-Bretanha é incontestável. Basta, para o demonstrar, ver as listas de perdas do adversário.

Ainda não há muito tempo que Malta, a ilha heróica, era objecto de ataques incessantes da Luftwaffe; Malta tornou-se agora uma poderosa base ofensiva. E são a ilha de Malta e as cidades do sul da Itália que a R. A. F. constantemente alveja.

A marcha das operações na Tunisia tem de ser vista no quadro duma cooperação estreita não apenas com os acontecimentos que se desenrolam na Tripolitania mas também com o avanço metódico das colunas que avançam das regiões deserticas do sul. E' um movimento convergente e sincronizado que não tardará a produzir os seus derradeiros efeitos. O trabalho realizado até agora é, porém, de tal importância que deve considerar-se quasi totalmente cumprida a



Em Argel. As forças aéreas inglesas repelem o inimigo, enquanto uma cortina de fumo cobre a cidade

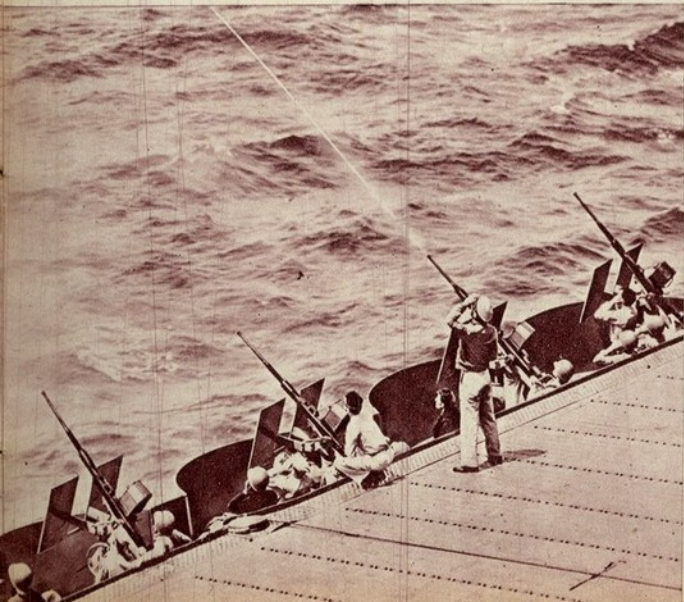


A batalha da Tunisia. Na frente de Mateur, os primeiros tanks do Eixo são alvejados e destruídos pela artilharia anglo-americana

A BANDEIRA GLORIOSA



Em cima: Os heróicos aviadores americanos que têm infligido à esquadra japonesa numerosas perdas, no Pacífico, bem como à aviação nipônica. Em baixo: A bordo de um porta-aviões americano. Uma potente bateria anti-aérea que dispara projéteis incendiários, numa acção fulgurante

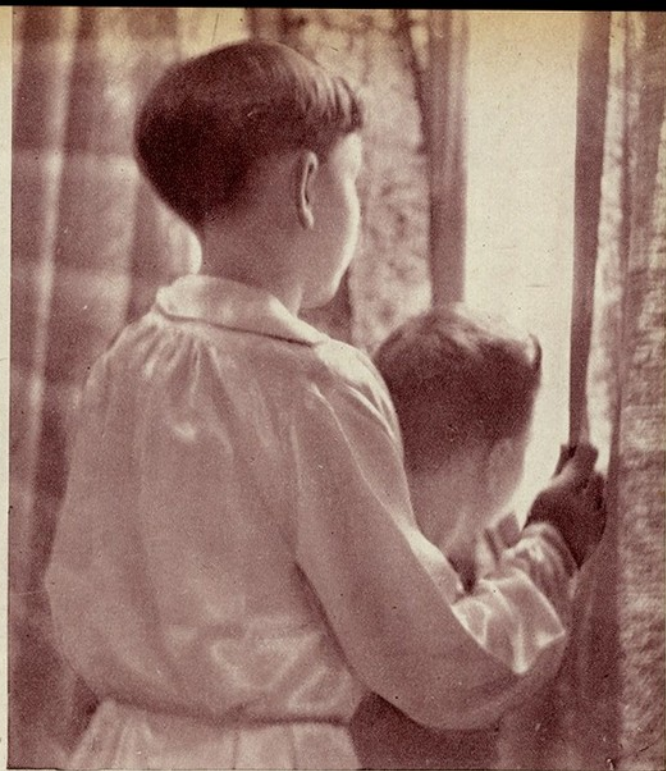


Em cima: A gloriosa bandeira das estrelas, a bordo de um submarino, que opera nas águas do Extremo-Oriente. A metralhadora está apontada ao céu para repelir qualquer avião inimigo que se aproxime. Em baixo: O tenente da armada americana James Gray, ao receber a medalha de ouro por actos heróicos cometidos no Pacífico. Uma filhita do oficial que assistia à cerimónia, quebrando a etiqueta, foi risonhamente abraçá-lo





Um número sensacional. A mulher oferece a sua vida às palmas da multidão



Dois pequenos artistas espreitando, entre as lonas dos bastidores, as reacções do público

deixam de se referir ao caso, que é da mais elevada importância para o povoado, tanto mais que se torna indispensável sacrificar algumas pequenas moedas para levar a família ao espectáculo.

Enquanto se estabelece uma excepcional atmosfera de acaloradas conversações acerca do assunto, a companhia chega à praça principal da aldeia. Um dos elementos que a compõem trata, com o regedor, de obter as máximas facilidades para a montagem do circo, cujo material vem deficientemente acomodado num carroção enorme adaptado, também,

a acolher, em tarimbas, o diminuto pessoal que constitui o grupo, e que uns rocinantes puxam com atroses dificuldades.

Consegue-se, em poucas horas, arrumar a enorme barraca de lona e, após, uma rápida e quasi simbólica afinação da aparelhagem destinada aos exercícios mais arriscados. Os próprios artistas, após uma frugal refeição, se lançam a esse trabalho, pois não dão para pagar a pessoal apropriada as magras receitas obtidas.

Vai, enfim, começar a grande função. Os tambores rufam estrondosamente; o povo aglo-

CIRCOS AMBULANTES

— Lá vêm eles! Lá vêm eles!...

É um alarido geral na aldeia, assim que o rapazlo ouve, ao longe, ainda muito abafado, o rufar dos velhos tambores com que os palhaços anunciam a sua aproximação, aguardada ansiosamente desde que, dias antes, se soube que andava pelas terras próximas um desses famosos circos ambulantes tão populares em todos os países do mundo. A alegria alastra por toda a parte. O mulherto, nas casas, nos campos e junto dos ribeiros palreia, num entusiasmo louco, a recordar a passagem de outros agrupamentos de artistas e formulando previsões sobre os que vão ser vistos. Os homens também não



O palhaço que soube criar a sua personalidade, falando com o «regisseur»



A caracterização é feita rapidamente. O público está impaciente de ver o seu funambulo favorito

mera-se em volta da barraca; os palhaços e as duas ou três mulheres que fazem parte da companhia multiplicam-se, entrando e saindo, para parecerem muitos, e fazem momices e risinhos convites ao público, para que compre bilhetes e tome os seus lugares.

Ao fim de extenuantes esforços, lá se consegue vender meia, ou três quartos de casa. E' preciso começar o espectáculo; todos eles se constituem, então, numa pequena orquestra, cujos instrumentos, fazem barulho ensurdecedor. Quando os artistas principiam a exhibir-se, a orquestra diminue

de número de executantes, como é fácil de calcular.

Que riscos correm, então, aqueles que, para ganhar uns modestísimos cobsres, se apresentam em face dos espectadores!

Surgem os que, nos trapézios mal seguros, chegam, por entre geral e bem justificada emoção, a fazer vôos perigosíssimos, sem qualquer espécie de segurança, jogando a vida, sorridentes, para conseguirem haver um pouco de pão. Trabalha-se no arame, em audases demonstrações de equilíbrio; a acobracia tem lu-

(Continua na pag. 30)



A estrela do circo. Sabe jogar as cartas com os pés



Um aspecto da multidão. Os operários do Alto do Pina



O jovem equilibrista. O número chegou ao momento mais difícil. A vertical da escada sobre o arame

AS ARMAS



Na zona de batalha em Medjez-el-Bab, onde as tropas alemãs sofreram um duro revez, deixando dezenas de prisioneiros nas mãos dos soldados anglo-americanos. Um soldado inglês contempla, ao longe, o famoso Atlas



O general francês Edouard Welvert condecora, numa cerimônia que se celebrou na Argélia, o coronel Raff, comandante das intrépidas tropas paraquedistas norte-americanas, que voaram 2.500 quilômetros para descer de surpresa no norte de África

DA OFENSIVA



Dois soldados ingleses num cruzamento de estradas, a 33 quilômetros de Tunis. Agora a distância é menor



Como eles marcham, alegres e vitoriosos, pelas estradas da Tunísia, sabendo que a decisão da batalha lhes pertence



Os poderosos tanks americanos que, na Tunísia, provaram as suas excelentes qualidades ofensivas. Este realizou uma incursão em campo inimigo. Agora as suas peças estão sendo escorvadas



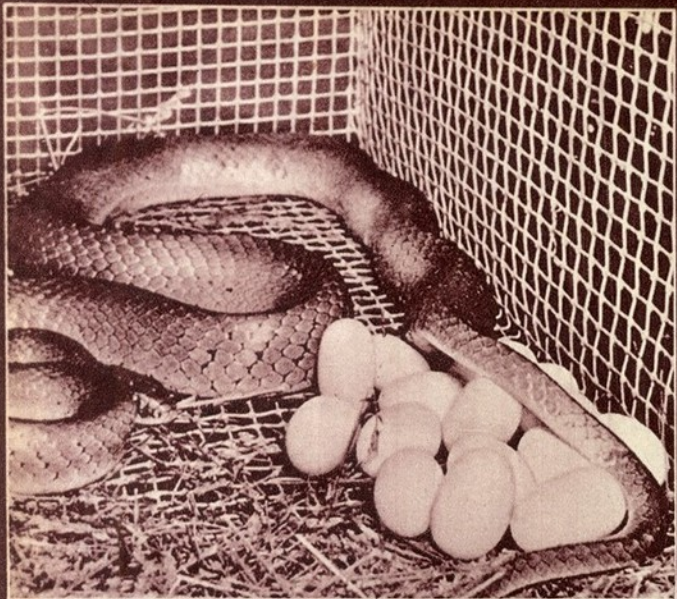
Os famosos tanks americanos "General Lee", empregados pelas forças anglo-americanas na Tunísia, a caminho do campo de batalha



Um soldado inglês e um tank americano, símbolo da fraternidade de armas das duas nações, numa posição das primeiras linhas



Prisioneiros alemães e italianos vão ser embarcados, no cais de Argel. Muitos deles estavam combatendo na Rússia e foram para ali transferidos



A vida das serpentes é ainda, por muitos, considerada um mistério. Há nos réptis, na sua sinistra beleza, qualquer coisa de enigmático. O homem, instintivamente, afasta-se d'êles, dando-lhes como símbolo a maldade, a injúria e a crueldade. Há numerosas espécies, umas mais temíveis do que outras, e contam-se a seu respeito histórias, tão terrivelmente verdadeiras, como engendradas pela credulidade popular.

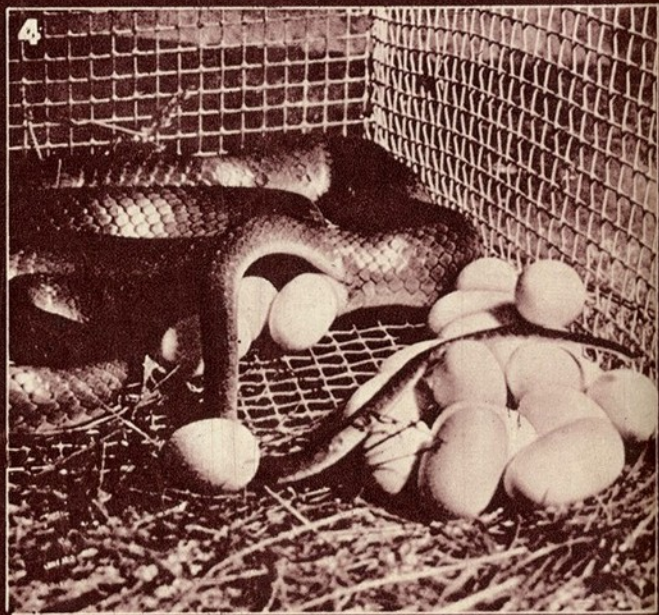
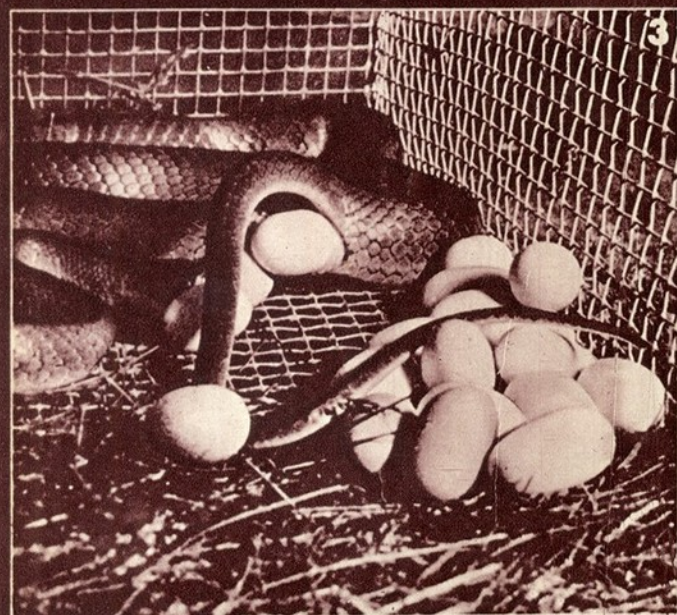
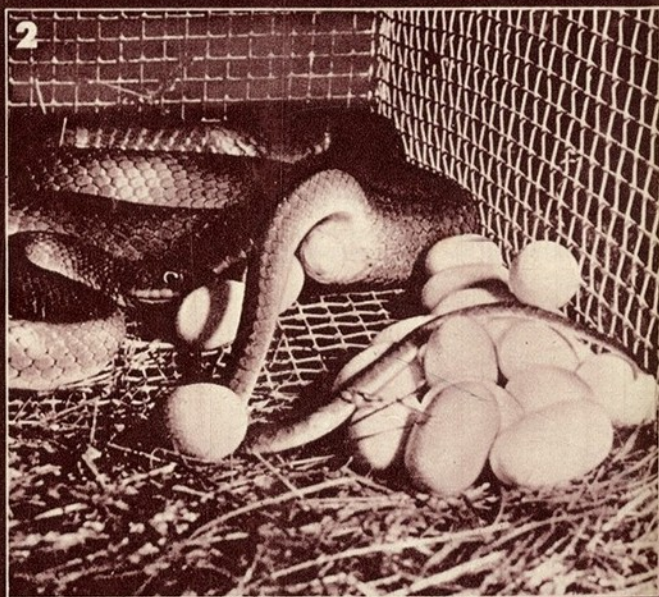
Neste quadro arrancado à história natural, que é um documentário de excepcional interesse, vê-se uma serpente azul, na primavera, em plena postura.

Na fotografia n.º 1 observa-se nitidamente, no corpo da víbora umas protuberâncias, a distâncias regulares, que são os ovos que está expelindo.

Na n.º 2 a postura prossegue. A serpente durante todo o dia lançará 28 ovos, duma casca dura, embora duma certa elasticidade.

Nas n.ºs 3 e 4, completam-se os aspectos da postura. Os ovos aumentam 1/3 durante a incubação, e são 2/3 maiores que os de galinha. As serpentes que nascem no fim do verão, princípios do outono, tendo assim pouco tempo para se habituarem ao frio da quadra invernos, põem ovos nos sítios quentes, ficando ao pé d'êles a guardá-los. Quando chega o termo da incubação, as pequenas víboras quebram a casca com um dente, chamado «dente de ovo». Há outras cuja postura é de seres vivos, embora revestidos dum saco transparente.

As víboras — são tão víboras — que não se importam com os filhos.





A divisão da correspondência na Central dos Correios, no dia de Ano Novo

CARTAS... LEVA-AS O VENTO

OS serviços dos C. T. T. correspondem hoje, mercê de grandes aperfeiçoamentos técnicos, ao grande tráfego do país, desempenhando um preponderante papel na vida pública da nação. Não só a rede postal que vai por todas as terras, com a possível brevidade que as comunicações mecânicas permitem, a telefônica e a telegráfica, com um extenso tracado, que, dia a dia, se alarga, põe Portugal inteiro em comunicação com as mais distantes paragens do mundo. Para que os serviços tenham a eficiên-

cia que necessitam, os C. T. T. recrutam, por concursos, pessoal técnico especializado, sugere-a o práticas, manda mesmo estagiar no estrangeiro — o que hoje não se faz devido à guerra — e, depois de completamente adestrado confia-lhe serviços de responsabilidade.

E' assim que as mecânicas, as telefonistas internacionais, os próprios guarda-fios, os operadores, conseguem fazer frente às avalanches de tráfego, que se avolumam no período do Natal e do Ano Novo. E' curioso visitar nesses dias



Todos os cartões de boas-festas foram lidos para ver se o número de palavras correspondia ao porte estabelecido

Encomendas postais. Os presentes enviados na quadra de festas

as centrais dos correios, das encomendas e dos telégrafos. A azáfama, chega a ser febril. Continuamente turnos de pessoal vêm reforçar e substituir os empregados que durante oito horas consecutivas, sentados aos aparelhos transmissores, mandam, pelos fios, os desejos e votos de tantas felicidades que os telegramas encerram.

O «Morse» o «Baudot», o «Hughes» nunca param. Dia e noite a fita corre, com o alfabeto «Ano feliz» — «felicidades eternas» «Venturas sem par» — e o empregado, dedicadamente, para cumprir o seu serviço, lembra-se também que os seus estão em casa, à mesa, tristes porque ele não pode aparecer ao jantar — é noite de Natal — mas é noite de muito trabalho. Nos sectores do correio o esforço é mais pesado. As malas formam grandes alturas, à espera das caminhetas. Num amplo salão, desde madrugada, o pessoal atarefado vai metendo nos cacifos a correspondência. E' um serviço que requiere longa prática. A correspondência, milhares de cartas, de envelopes, cartões de visita, é dividida rapidamente pelas direcções. Dai a pouco, já as malas estão fechadas.

A CAMINHO DE TRIPOLI



Para o 8.º Exército não há obstáculos. Ei-lo em plena acção, baionetas em riste, e o relampejar intenso da sua artilharia, num "wadi" em Buerat-el-Hsun, que foi rapidamente conquistada



O que ficou de Agedabia, depois de batida pelo fogo britânico. As tropas de Montgomery penetraram ali num ímpeto irresistível, lançando-se depois à conquista da Tripolitânia



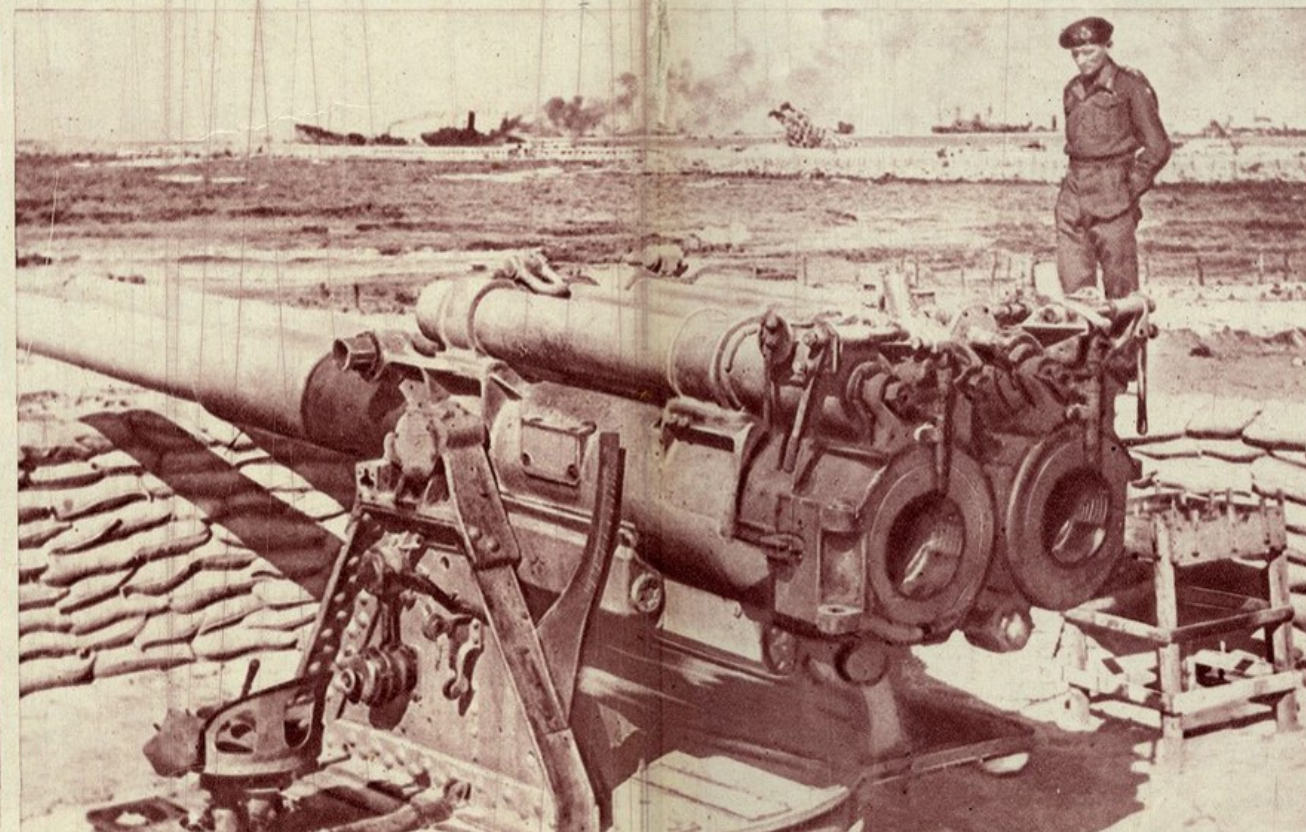
Os destroços do exército de Rommel. Em todos os campos de aviação que os nazis foram obrigados a abandonar, vêm-se centenas de carcassas de aviões destruídos no solo pelos bombardeiros ingleses



Quando os ingleses conquistaram El-Agheila. Serviço de transmissões em plena zona de fogo. A audácia do 8.º Exército rivaliza com o seu dinamismo



Milhares de prisioneiros alemães e italianos. A baioneta de um soldado inglês e as silhuetas de dois soldados nazis



Uma fotografia histórica. O grande general Montgomery, em Benghasi, contempla os destroços e os despojos do exército de Rommel



A sessenta quilómetros para além de Sirte. Os anti-tanks alemães foram pulverizados. Sobre eles ergue-se uma coluna de fogo envolta numa densa fumaçada. E o avanço prossegue

FIGURAS E FACTOS



O sr. embaixador de Inglaterra inaugura a notável exposição de retratos em gravura ingleses no Museu de arte antiga



O sr. Presidente da República lendo ao microfone a sua mensagem do Ano Novo à população do Império



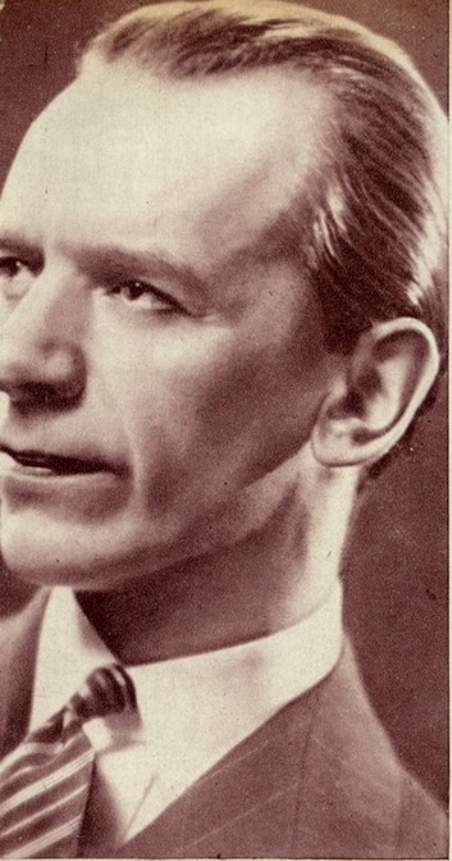
A recepção no Instituto Britânico, ao sr. John Steegman, director adjunto da National Portrait Gallery, de Londres, que organizou a exposição de gravura inglesa do Museu das Janelas Verdes. Na fotografia vêm-se também os srs. ministro dos Estados Unidos em Lisboa e George West, director do Instituto



O regresso do sr. ministro das Colónias da sua viagem a Angola, Moçambique, Congo Belga e União Sul Africana. Aguardavam-no os srs. ministros da Educação, Finanças, Marinha e Obras Públicas, subsecretários de Estado de Finanças e das Obras Públicas e generais Eduardo Marques e Amílcar Mota



O Chefe do Estado e o sr. ministro da Educação inauguram a exposição do artista português Acácio Lino, na Sociedade Nacional de Belas Artes



Uma expressão do dr. Malcolm Sargent

Um grande Maestro inglês em Lisboa

O dr. Malcolm Sargent, cuja visita a Lisboa constituiu um notável acontecimento, é uma das maiores figuras da música inglesa. Nasceu predestinado. Dir-se-lhe que sobre o seu berço as musas da harmonia e da poesia se debruçaram traçando o seu destino.

A sua biografia é interessante — tem vida e movimento, numa série ininterrupta de triunfos. Aos dezasseis anos já pertencia ao Royal College of Organists e dois anos depois era-lhe ali conferida a mais alta distinção.

O seu talento brilhava como uma estrela. Da sua vocação irradiava uma assombrosa claridade. Nunca procurou marcar com o seu carácter pessoal as grandes peças musicais; quis antes, e conseguiu-o completamente atingir a pura expressão do génio criador, e dar-lhe o valor, a intensidade, a verdade das suas interpretações. Entre a composição musical e o auditório — Malcolm Sargent nunca se interpõe. É o maestro, sugestivo, magnífico, que ascende à suprema perfeição musical, exactamente porque sabe exprimir como um compositor e não como um elemento de simples execução. A outra guerra leva-o às trincheiras. Música estridente, bárbara, ardente. Vêm depois as horas perturbadas da paz, que o dr. Malcolm Sargent aproveita para criar o seu universo.

Obtém um triunfo inegalável

(Continua na pág. 30)



O grande maestro inglês regendo uma orquestra



O presidente da Academia das Ciências, sr. dr. Júlio Dantas, conversando com a escritora Veva de Lima, num dos corredores da Academia

UMA SESSÃO NA ACADEMIA

HÁ quem comente, algumas vezes, a vida laboriosa dos académicos.

Várias personalidades, umas decerto, com mau humor, outras disfarçando o seu despeto, deram-se ao capricho pretensamente irreverente de dizer mal das Academias.

E' do conhecimento de toda a gente, que, em França, um limitado número de escritores levou a sua inconformidade ao ponto de discutir tal titulo, chegando um ou outro autor a pôr por baixo do nome, á maneira de precaução esta engraçada legenda: «Fulano... que tem a honra de não pertencer á Academia».

São talvez modos audacio-

sos e «modestos»; contudo, parece-nos que eles se destinam mais ao público, do que a satisfação própria.

Há quem suponha sem sentido e sem sinceridade as alusões feitas ás Academias. Pois tantos desses alimentam o desejo de virem a pertencer a tão consagrada instituição de valores. E, algumas vezes, assim sucede — visto muitos candidatos á glória não poderem olhar, com bons olhos, a glória alheia...

Não sabemos se a fábula da raposa e as uvas, terá aqui cabimento. No entanto quem conhecer a alegoria pode dela tirar conclusões próprias e, também, alheias.

A Academia pode contribuir para a imortalidade de um nome; e tantas vezes essa tentação fascina homens sem nome!... Depois, a Academia dos outros é sempre coisa antipática para os que não fazem parte delas.

Dai, — quem sabe? — certas pessoas sentirem a necessidade de criticar a existente e irem pensando noutra para uso próprio.

Se o espirito preparado para a solução dos graves problemas, e a cultura, que torna os homens superiores em seu aspecto intelectual, não se encontram nas Academias, onde quer o leitor que as altas expressões literárias e científicas, existam?

O argumento contrário é fácil e estamos a ouvi-lo: — Que existem alguns valores fora das Academias. Assim é, de facto. Isso, porém, não afirma que se esses valores pertencessem a qualquer academia, seriam melhores ou piores. Trata-se, apenas, duma distinção a que todo o homem de letras tem direito.

Mas, pondo de parte estes considerandos falemos da Academia; ou melhor do seu ambiente de espirito. As suas assembleias, as suas reuniões, as suas comunicações, as conferências ali realizadas, são a viva demonstração do superior espirito que preside áquela notável organização.

Quem assista á revelação de tantos factos, admiráveis sob o ponto de vista literário e científico — e tantos são os que ali se têm demonstrado — ficará de bem com o espirito académico. Mais ainda: não acreditará em nada do que dizem cá fora os não académicos, que um dia, provavelmente, o serão.

Quem sabe se ficará com o desejo de frequentar assidua-



O sr. dr. Moreira Júnior e Joaquim Leitão recebem as visitas



Os acadêmicos, nas suas bancadas, ouvem o elogio do grande jornalista Pinheiro Chagas

mente aquêlo arcótipo de inteligência e de cultura.

Depois, ao contrário do que, erradamente se crê, ali não vão apenas figuras, nomes, glórias embranquecidas pelos anos. Também ali se verifica nos dias das grandes sessões, uma nota discreta de elegância e de mundanismo, que corta a severidade habitual do ambiente.

Olhando os aspectos refletidos nas gravuras que reproduzimos, o leitor, pode ver, surpreender, em pormenores flagrantíssimos, a vida académica em contacto com o público numa dessas famosas retinções.

Consagrava-se nessa noite Pinheiro Chagas, o jornalista, o escritor, o político e o orador, cuja obra de múltiplas facetas, apesar do tempo, vive ainda como uma das mais belas da grande época romântica.

Pinheiro de Chagas, de resto, estava entre os seus pares porque também foi académico.



Na ante-câmara. O presidente da Academia escuta o sr. dr. Pereira Forjaz



O sr. dr. Moreira Júnior ouviu um segredo — académico



Um copo de água para o orador da noite



Chegou o sr. presidente. O chapéu e a gabardine do autor do «Reposteiro Verde»

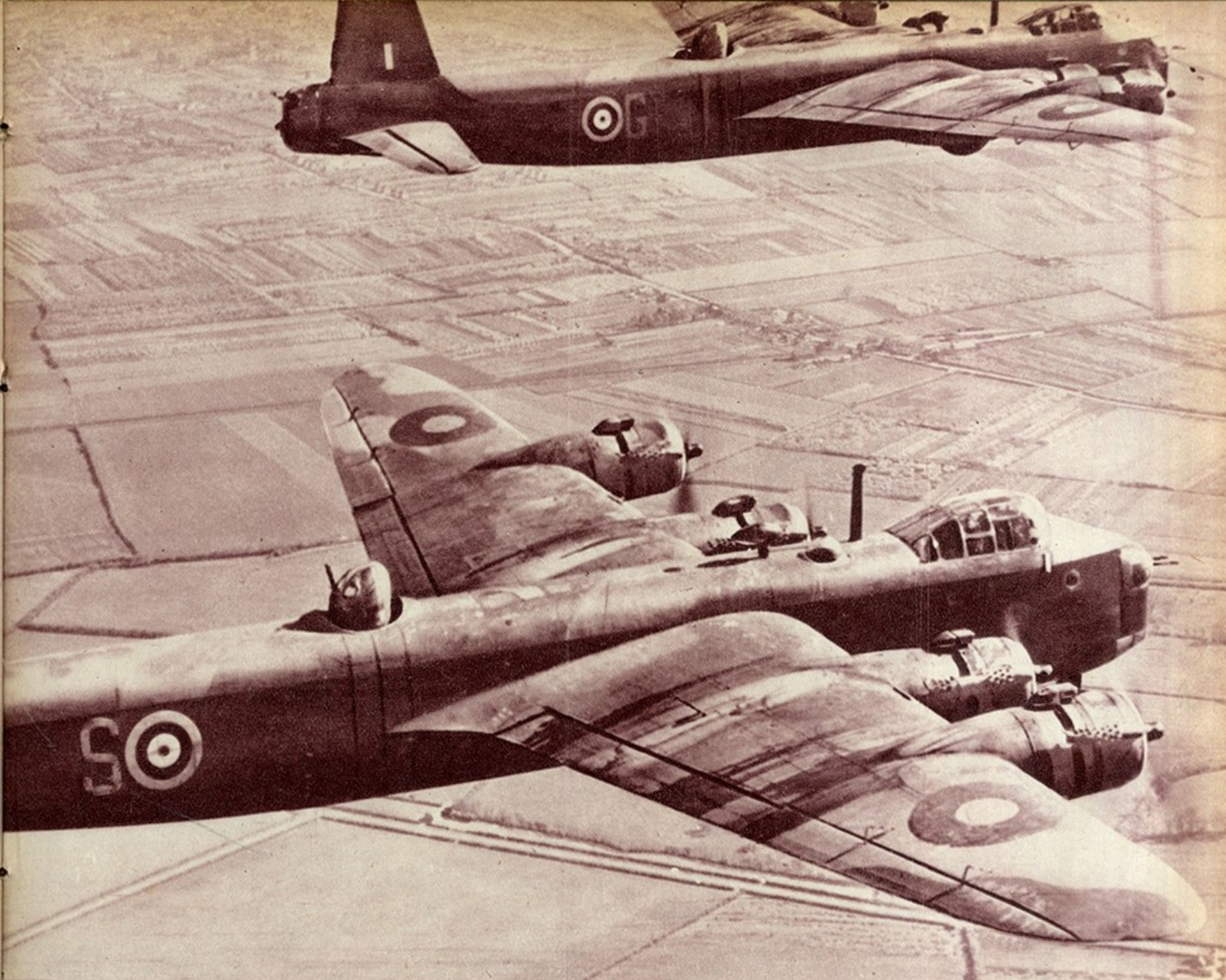
A AVIAÇÃO A CHAVE DA VITÓRIA



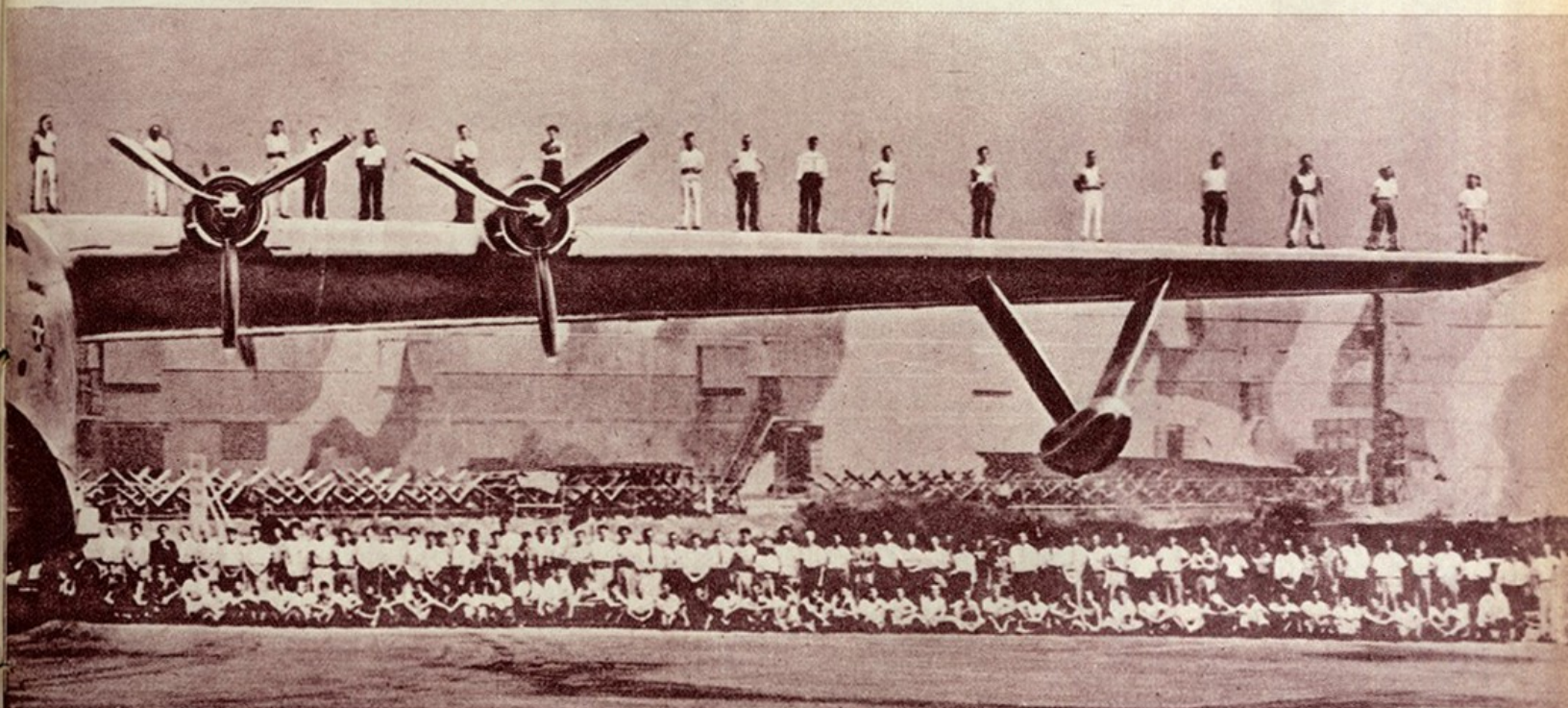
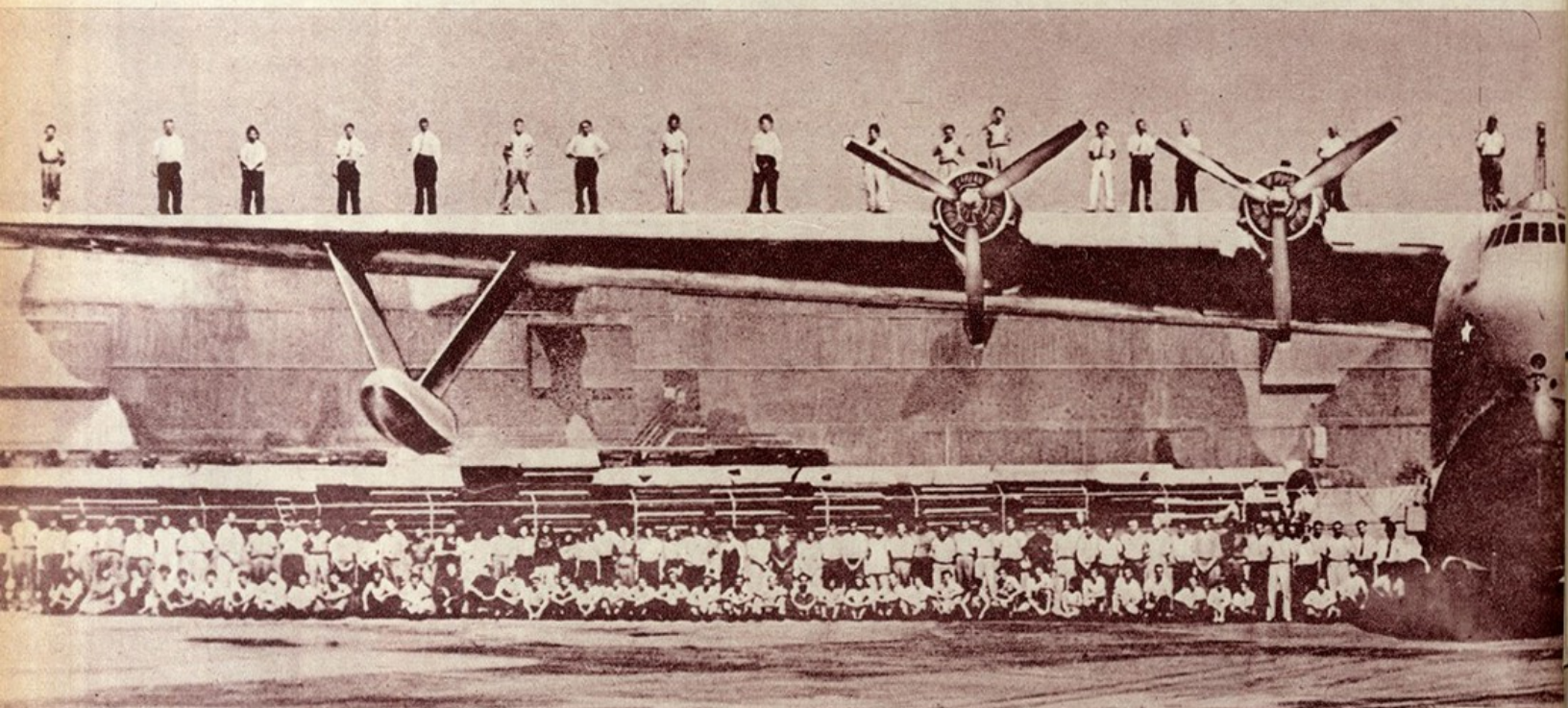
Bombardeamento noturno. Em baixo está o Ruhr, com a sua zona industrial sobre a qual caem, dia após dia, milhares de bombas, numa gigantesca avalanche de destruição



A caminho da Alemanha. Na próxima primavera, conforme



Roosevelt anunciou, começará a grande ofensiva aérea, que dia e noite martelará o inimigo. As Nações Unidas terão no ar, no decorrer deste ano aérea de duzentos mil aviões

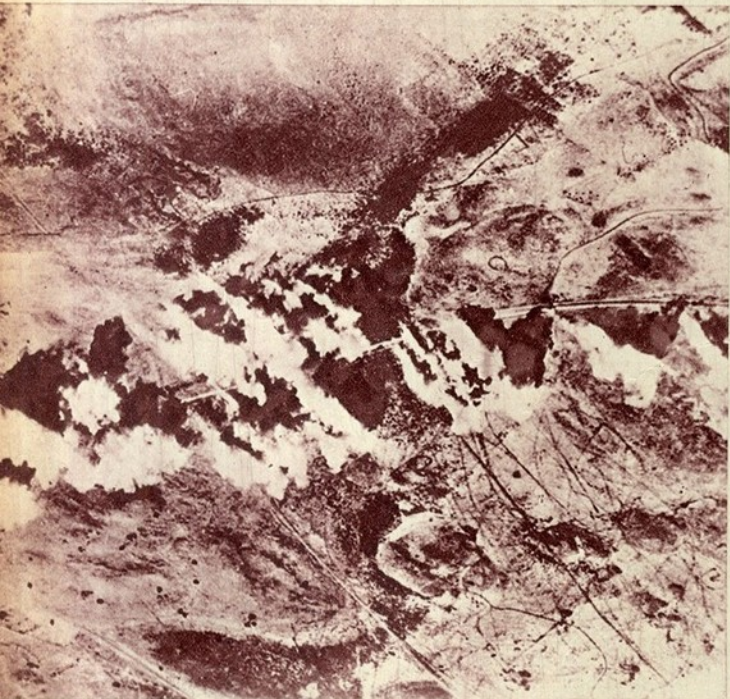


A última e mais sensacional criação da indústria aeronáutica americana. O hidro-avião gigante "Marte", de setenta toneladas, construído em madeira, sob o qual estão 35 homens e, na zona

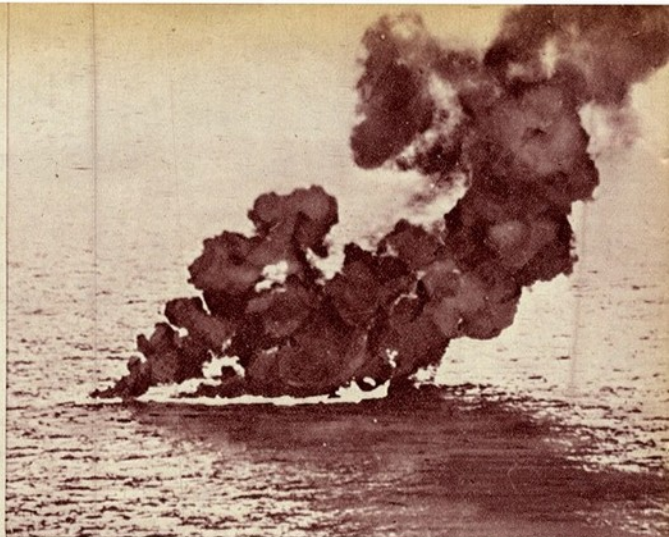
projecto do engenheiro Glenn Martin. Tem 61 metros de envergadura e será o maior transportador de tropas e material através do Atlântico. Sobre a asa que elas abrangem, 250



A perseguição a Rommel. Combóios de abastecimentos ingleses, numa linha contínua através do deserto, levam ao 8.º Exército, em plena acção na Tripolitânia, uma verdadeira torrente de munições e abastecimentos



A precisão dos bombardeamentos da aviação anglo-americana. Na estrada, o exército de Rommel bate em retirada, mas os pilotos visam bem e a coluna de blindados é destruída



Mais outro navio japonês que é incendiado e afundado por uma formação voadora, num raid sobre as ilhas de Salomão

OS BOMBARDEIROS DAS NAÇÕES UNIDAS

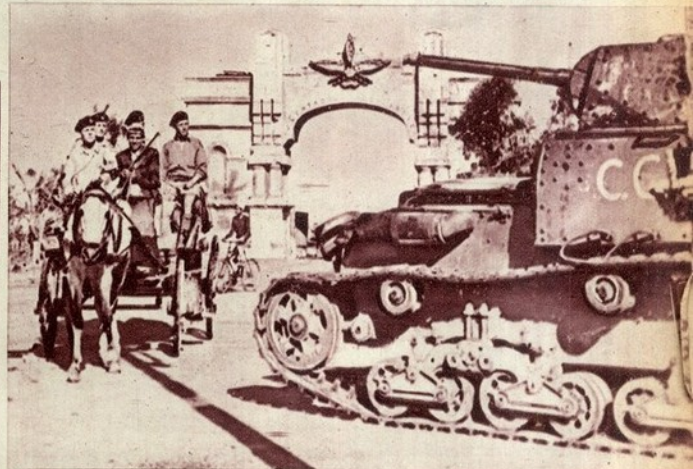


Um submarino alemão é descoberto por um avião da R. A. F., e imediatamente atacado e afundado. Em poucos minutos a nave inimiga vai juntar-se a outras no fundo do mar



A camuflagem atingiu nesta guerra uma perfeição extraordinária. Eis um grupo de soldados das nações unidas realizando, em pleno campo de batalha, um audacioso golpe de mão que lhe permitiu obter valiosas informações

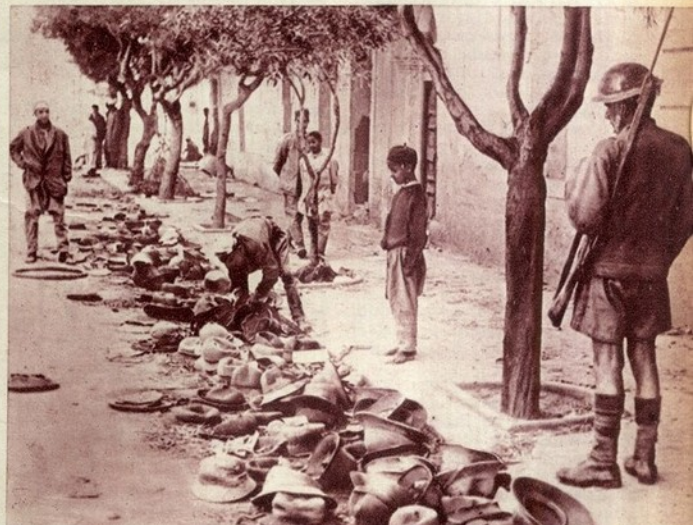
CENAS DA GUERRA



O avanço vitorioso do 8.º Exército. Os tanks ingleses passando em Benghazi a caminho do golfo do Sirte



O seu avanço prossegue. Prossegue sempre. Nada detem as forças imperiais britânicas, em perseguição de Rommel. Eis como, debaixo de fogo, a engenharia inglesa monta uma linha telefônica



Alguns despojos do exército alemão nas ruas de Benghazi, atentamente observados por um heroico "Tommy"

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

FILME INVERNAL

A moda inspira-se numa época que não foi precisamente elegante — saia travada, túnica abat-jour, tango argentino, blusa cossaca. Mas atenua, arredonda, esbate, modifica, de modo que o resultado seja harmonioso. O espartilho desapareceu e o drapê cai com moleza; a roupa interior está reduzida à expressão mais simples e não amontoado de roda; o fecho éclair é o revolucionário do momento que permite o tecido modelando o corpo: é a serpente metálica que ajuda a formar a escultura. Escreveram em Paris, não há muito tempo: «la fermeture-éclair a raboté la silhouette tango».

E o que se vê no filme da moda invernal? Mais ou menos isto:

- O chapéu ou muito volumoso ou o cópia de quadro, como aquela que Caroline Reboux lançou em reminiscência dum óleo de Manet.
- O corpo liso, inteiro até a anca, vindo aí prender-se a saia tôda franzida com laçinhos de veludo, em guarnição.
- O tailleur, que tem o casaco mais comprido atrás, arredondando à frente. Botões dourados. Por cima, uma capa do mesmo tecido, inteiramente forrada de pele.
- Pequenos casacos de astracan, muito justos na cinta e com aba em forma. Regalo a dizer.
- Turbante de jersey em tom vivo, tendo por cima grande feltro levantado de um lado.
- O clássico guipure formando gola e punhos sobre vestido de veludo preto.
- No tailleur vêem-se muito as bandas de veludo.



Quatro lindos vestidos de interior, cada um com o seu padrão e o seu estilo

DEFINIÇÃO

Maggy Rouff é uma grande modista. O que ignorávamos era ela ser também uma *bas bleu*. Pois é verdade: escreveu um livro cujo título é um programa completo: *Philosophie de l'Élégance*.

Vamos de lá extrair uma espirituosa definição:

Quando o Gôsto e a Novidade se encontram e se unem, nasce uma criança encantadora. É um petiz espirituoso e galato, mas sério. É célebre no mundo inteiro e tem um nome engraçado breve e vivo: *Chic*.

Tem primos no mundo todo: o da América, chama-se *Cute*, o de Viena *Fesch*, o de Londres: *Smart*.

Mas o pobre *Chic* tem um desgosto: um irmão bastardo, o *Falso Chic* que lhe estraga a vida — uma espécie de sóla que o segue para tôda a parte e macaqueando, banaliza.

Enquanto um é simples, o outro é pretensioso; quanto um é discreto, o outro é espalhafatoso. O verdadeiro detesta dar

nas vistas, o outro é mesmo um novo-rico. Um inventa e o outro imita; êste é jóia verdadeira, aquele é fantasia — verdade e mentira.

PENSAMENTOS

- A audácia é como o amor: dá espirito aos que não têm.
- Uma mulher bonita que é rabugenta, é como um vaso de alabastro cheio de vinagre.

Diôgenes

CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18



Dois elegantes modelos para as nossas leitoras

ONTEM E HOJE

“Bons rapazes”

SURPREENDEMOS há dias num «café» — que é lugar propício a falas maisadoras acerca das pessoas ausentes — este pedacinho de diálogo.

Afirmava um dos frequentadores:

— Fulano é muito «bom rapaz».

Observação do outro:

— Dizem que sim... O pior é que os seus actos em nada justificam a fama que lhe atribuem... Há até quem insinue que a sua moral periclita um pouco...

— Sim... Mas não é mau rapaz...

— Também já lhe ouvi chamar cretino... vaidoso... hipócrita...

— Talvez você tenha razão... Contudo, é «bom rapaz» — segundo propalam os que são da mesma laia.

O verbo disciplinado

JOÃO ROSA, um dos maiores comediantes do seu tempo — e nessa época havia grandes actores — era tartamudo.

Contudo, quando representava, não se lhe notava essa deficiência emitiva de expressão verbal. À sua dição, em cena, não revelava a dificuldade que João Rosa, fora do proscénio, tinha na articulação das frases.

O facto poderá parecer estranho; mas mais extraordinário foi ainda o de Camilo Desmoulin's que, apesar de orador de fama, era... gago — segundo relataram alguns dos seus contemporâneos.

Sinceridade...

UM notável poeta, cuja vida era um tanto desordenada, recebeu um dia um jovem vate que lhe fôra pedir opinião sobre um soneto de que era autor:

— Não podia ser pior...

Dias depois, encontrando o bardo incipiente, apresentou-lhe esta desculpa:

— Meu caro poeta... Você desculpe...

Mas quando lhe dei a minha opinião... tinha vindo de um banquete... Sim, compreende... Quando a gente bebe uma taça de champanhe a mais, dá-lhe para a sinceridade!...

Dúvida

Ao sol-pôr.
Eu, e o professor.

Aldeia. Casalitos fumegando.
Trabalho findo. Bócas entoando
o cántico da vida,
a exaltação do Amor!
e sempre a mente em lida,
cismava o professor...

— Mestre! Porque motivo
o vejo sempre triste, apreensivo,
como a pensar na Morte?...

E ao Sol-pôr,
o velho professor
me respondeu desta sorte:

— Mania gramatical...
É que não sei, de ciência,
se a Morte é um ponto final,
se uma simples reticência...

Raposo de Oliveira

RELEMBRANÇA



FAZ no dia 17 do corrente dez anos que morreu Raposo de Oliveira — exemplo nobre de camaradagem, e que foi dos tempos em que a profissão se servia como a um sacerdócio.

Jornalista que nunca deixou de ser poeta — naquela época o jornalismo ainda tinha muito de irrealidade e de sonho — honrou a profissão, dando-lhe tudo quanto ela exigia: entusiasmo, dedicação, inteligência — a própria vida. O que, aliás, para ele, nada era comparado com o muito que lhe queria.

A sua figura, apesar de ser dos nossos dias, parece, no entanto, já esquecida. Pois não o merecia.

Há quem justifique o esquecimento em que são envolvidos os que foram modelo romântico de idealismo, opondo ao facto sólidas razões actuais e utilitárias.

Raposo de Oliveira deu forma correcta e luminosa ao pensamento; e escreveu em português. Virtude esta que hoje parece inspreciada.

De um dos seus livros recortamos os versos que nesta página reproduzimos.

São assim. Não sabemos se estarão fora da moda.

Se nos é permitida opinião, diremos que os julgamos de todos os tempos; pelo menos enquanto a sensibilidade, a ternura, a beleza, a amargura e a incerteza, não forem substituídas, na poesia, por impenetráveis sentenças cabalísticas.

Raposo de Oliveira gastou a vida a sonhar, a entretecer quimeras, a acalantar afectos e a dignificar o que no ser humano é digno de exaltação: a inteligência, a bondade — e o carácter.



Ninguém dirá ao contemplar este quadro da vida lisboeta, que elle não é actualissimo... Até as pessoas irreconciliáveis com aspectos «ancien-régime», hão-de encontrar modernidade, não diremos na carruagem, — mas na figura feminina

Música portuguesa em Londres

MARQUES RIBEIRO é um jovem compositor pianista português. O seu nome é talvez pouco divulgado entre nós. Contudo, a sua arte já passou a fronteira.

As suas composições, a que o artista empresta impressionante relevo, inspiração e colorido, têm sido julgadas lisonjeiramente por vários dos nossos Mestres. Não por nós que pela Música, essa «deliciosa arte de sonho e de preguiça», como lhe chamou Alphonse Daudet, apenas sentimos fascinação; mas por nomes que, demonstrando ao jovem artista aplauso, podem, com o seu incentivo, ser indício favorável à futura consagração de Marques Ribeiro. Se a sua inspiração revela com exuberância o compositor, o seu poder de execução pode estar muito próximo do domínio absoluto da técnica.

Marques Ribeiro foi discípulo de Lapierre Badoni, e está a ser subsidiado nos seus trabalhos de composição pelo «Instituto para a Alta Cultura».

Viana da Mota, Varela Cid, Tomás Borba, Óscar da Silva, dr. Ivo Cruz, Eduardo Libório e

Luis de Freitas Branco, e, ainda, o grande crítico polaco Alexander Boniewsky, quando da sua passagem por Lisboa, a caminho de Nova York, muito têm contribuído, com seus ensinamentos e conselhos, para a formação artística do nável compositor-pianista.

Recentemente, Marques Ribeiro gravou duas peças de sua autoria para a B. B. C. de Londres.

Num país como a Inglaterra, onde a música teve e tem notáveis representantes, a inclusão de um compositor português na Emissora londrina é facto que deve lisongear o artista e dar-nos, também a nós, aprazimento.

Permuta...

LEMOS DE NÁPOLES, foi uma curiosa e cultíssima figura do jornalismo de há uma trintena de anos.

Alma aberta ao sonho, espalhando, perdulariamente, bondade; camarada de uma pureza de intenções, gastou a existência a fazer bem e esbanjou talento com a mesma despreocupação com que um milionário pode desperdiçar dinheiro.

As suas crónicas eram inimitáveis de brilho e de graça literária.

Só uma ou outra vez, Nápoles ria dos costumes, posto que no seu sorriso houvesse um tanto de estoicidade sócrática.

Certa vez arranjaram-lhe um lugar de revisor em qualquer periódico. Nápoles aceitou filosoficamente.

A alguém que, ao encontrá-lo, lhe falou na sua nova posição, respondeu Nápoles deste modo:

— Não é emprêgo, é permuta...
?!...

— Sim, homem! Não compreende? Eles dão-me tristeza... eu dou-lhes gramática!

Augusto Ricardo

A MENINA DO LAÇO

NOVELA

DE GUEDES DE AMORIM

VOLTAVA do escritório, nessa noite, moído de trabalho e faminto de repouso.

Ao entrar em casa, a criada informou-o: — A senhora saiu, mas deixou esta carta para o senhor...

João Manuel, profundamente surpreso, abriu a carta e leu: — «João: A mamã adoeceu. Vou para junto dela. Se quiseres e puderes, aparece. Até logo — Etelvina». — João Manuel ficou com a carta na mão, mais irritado que compadecido. A súbita doença da sogra, que o deixava indiferente, privava-o, sobretudo, de saborear o jantar na companhia da esposa.

Foi para o seu gabinete. Não; não irla ter com a mulher. Também não suportava as impertinências da sogra... Etelvina, porém, fazia-lhe falta. Estava acostumado à sua presença. Em dois anos de casado, fora essa a primeira vez em que um motivo forte os afastava, episódicamente embora. Mortos a mãe e o irmão, o Luiz, não tinha ninguém mais no mundo senão a esposa. Não era inteiramente feliz, mas não tinha ninguém mais no mundo. Vendo-se inesperadamente só, sentiu que o apetite lhe fugia...

A criada veio perguntar:

— O senhor quer que sirva o jantar?
— Não. Hoje, não janto.

A rapariga, verdadeiramente espantada, foi-se embora, sem saber a que atribuir a estranha resolução do patrão.

João Manuel mergulhou num «fauteuil», pensativo. Sentia frio no corpo e na alma. Levantou-se, foi tomar um cálice de Porto e, depois de fechar as luzes, deixando aceso apenas o candelheiro, velado, da secretária, voltou a sentar-se. A doce penumbra do gabinete convidou-o a cerrar lentamente os olhos e, dentro de poucos minutos, pôs-se a sonhar, sonhar...

JOÃO Manuel vinha da escola e mais o Luiz, o irmão. Quando entraram em casa, foram logo direitos à cozinha, pedindo à criada: «Queremos lanchar!...» A serva, pronta a atendê-los, disse-lhes, entretanto: — «Sabem que têm cá uma visita?» Os dois perguntaram ao mesmo tempo: — «Quem é? Quem é?» Era a Mariiazinha do Céu, uma garota mais ou menos da sua idade, filha dum lavrador rico, amigo e vizinho da sua casa. Foram cumprimentá-la. Maria do Céu era loira e muito bonita. Tinha um laço cor de rosa nos cabelos doirados. Chorava, chorava, muito, porém. O Luiz perguntou à mãe porque é que ela chorava. «O pai dela adoeceu... Foi para a cidade, submetter-se a uma operação...» Luiz, então, que era o mais velho, aproximou-se da menina, falou-lhe em voz baixa, passou-lhe as mãos pelo cabelo loiro e disse-lhe: «Anda brincar conosco, Mariiazinha...»

Nos dias seguintes, Luiz e João Manuel esforçaram-se por divertir a Mariiazinha. Conseguiram-no muito facilmente. Levavam-na para o quintal, saltavam à corda e jogavam às prendas. Ela, lá de longe em longe, fazia beicinho, vergava a cabeça e, batendo o pésto no chão, teimava: — «Pronto! Não brinco mais! Quero o meu pai, quero o meu paisinho...» Luiz procurava consolá-la, acarinhando-a. E, um pouco afastado, João Manuel, ao mesmo tempo que compartilhava, mentalmente, da chorosa melancolia da Mariiazinha do Céu, enraivecía-se com as gentis carícias

do Luiz, que passava frequentemente as mãos pelos cabelos da menina.

Um dia, o Luiz adoeceu, de gravidade. A mãe recomendou-lhes: «Durante algum tempo, não podem ver e falar com o Luizinho». João Manuel, embora gosasse muito do irmão, exultou. Agora, era só ele a brincar com a Mariiazinha. Tão bonita, tão bonita, que ela era! Dava-lhe os seus brincueiros, oferecia-lhe flôres, fazia, em suma, tudo quanto ela lhe pedia. Certas ocasiões, parava, com as mãos fechadas sobre o peito, e ficava a olhá-la, embasbacado. Então, ela, sorrindo, ria e dizia-lhe: «Pareces maluquinho! Porque me olhas assim? Pareces maluquinho!»

Correram semanas. O Luiz morreu. O pai da Mariiazinha voltou e levou consigo a filha. João Manuel, ferido com a morte do irmão e ferido, mais ainda, com a partida da pequenita, deixou de comer e caiu à cama. Sofreu muito, largos períodos febris, e, durante êles, clamava: «Quero a Mariiazinha! Quero a Mariiazinha do Céu!»

ACORDOU, num estremecimento, abanado por um braço:

— Sou eu, ouviste?
Arregalou os olhos.
— A Mariiazinha? A Mariiazinha do Céu?
— Qual Mariiazinha?
Era a sua esposa, a Etelvina, que acabava de chegar. Perguntou, intrigada:
— Estavas a sonhar, João?
— Eu? A sonhar!? Talvez...
— Olha, afinal, a mamã melhorou. Chamei um médico. Felizmente, não era coisa de cuidado...

— Ainda bem!
João Manuel levantou-se, dominado ainda pelo lindo e triste sonho que havia tido, e, esfregando os olhos, fitou a mulher com estranheza.
— Vamos jantar? Estou com fome...
— disse Etelvina.
— Não me apetece.
— Então, queres ficar sem jantar?
— Não. Não me apetece... Vou deitar-me...



E, dentro de poucos minutos, pôs-se a sonhar, sonhar...

A EXPOSIÇÃO DAS JANELAS VERDES

A IDADE DE OIRO DA GRAVURA INGLÊSA

Pela primeira vez tivemos ocasião de admirar, numa exposição cíclica, a arte da gravura inglesa, que é um dos mais belos tesouros do património cultural e artístico daquele país. Foi essa extraordinária galeria que durante alguns dias esteve patente, no Museu de Arte Antiga organizada, com notável sentido técnico e documental pelo sr. John Steegman, director adjunto da National Portrait Gallery, e autor de numerosos estudos de arte, entre os quais um sobre a vida de Reynolds que é, além duma notável biografia, um estudo crítico de penetrante observação.

A exposição do Museu de Arte Antiga foi, por assim dizer, uma revelação do apogeu que atingiu a gravura inglesa, já como temas originais, já reproduzindo as

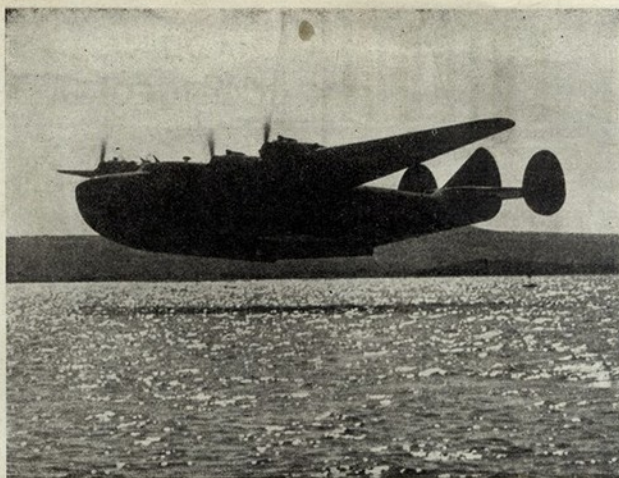
obras dos grandes mestres retratistas como Lawrence, Romney, Gainsborough, Reynolds, e outros. Toda a história da Inglaterra, as suas grandes figuras reais, bem como as expressões mais notáveis do seu génio político, militar, artístico e literário, estavam representadas. Os «mezzotintos» são famosos, incomparáveis e caracterizam, sem dúvida, o apogeu duma arte, de que a Inglaterra foi sempre a escola mais perfeita, na sua radiação admirável. O sr. John Steegman acompanhou a exposição com duas conferências, uma denominada. O retrato inglês em gravura, duma luminosa apreciação, e outra O período de ouro do retrato a óleo, que foi uma evocação perfeita, dos grandes mestres e das grandes obras dos pintores ingleses.

14 milhões de quilómetros

sobre os países e mares de todo o mundo

(Continuação da pág. 2)

to mais que a maioria dos passageiros que viaja nos aviões da British Overseas são individualidades políticas, diplomáticas ou altos funcionários das Nações Unidas. Tive recentemente, ocasião de observar uma lista desses passageiros. Compreendia, entre outros nomes, os seguintes: M. Winston Churchill; Lord Halifax, embaixador da Grã-Bretanha em Washington, e Lady Halifax; M. Averell Harriman, enviado pessoal do Presidente Roosevelt à Grã-Bretanha; M. Jan Masarik, ministro dos Negócios Estrangeiros do governo provisório da Checoslováquia; M. A. Huitfeldt, ministro plenipotenciário da Noruega no Chile; Sir Reader Bullart, ministro inglês em Teheran; M. Yojislav Atanabjevic, ministro do Interior da Iugoslávia; Sir Percy Mills, inspector geral de máquinas da Grã-Bretanha; general Georges



O hidro-avião gigante «Berwick», a bordo do qual Winston Churchill atravessou o Atlântico numa das suas visitas aos Estados Unidos

Stanislas Kopanski, comandante da brigada polaca dos Carpátos; e o tenente coronel J. Zarembo, seu chefe do Estado Maior.

A companhia transportou, também, noutras ocasiões M. John Winant embaixador dos Estados Unidos em Londres, e Sir Stafford Cripps.

Mais recentemente, os aparelhos da British Overseas têm

contribuído para fornecimentos à Rússia, por via aérea, para o Cairo e para Teheran. É evidente que o pavilhão azul-celeste da frota aérea britânica sobrevôa os países e os mares de todo o mundo. Para algumas pessoas, os vôos que excitam mais a imaginação são, provavelmente, aqueles que, seguindo itinerários secretos onde o inimigo pretende ter a soberania aérea. Esses vôos realizam-se, evidentemente, sem que as tripulações façam uso da rádio e sem receberem os habituais boletins meteorológicos.

Na Inglaterra, as mulheres substituíram os homens que foram servir na R. A. F. Actualmente constituem um terço do pessoal da British Overseas. Trabalham nas oficinas afinando os motores e as hélices; nos escritórios como desenhadoras; marcam sobre as cartas as rotas e outras indicações que os pilotos utilizam nas suas viagens.

A British Overseas emprega também mulheres uniformizadas no serviço de informações dos passageiros. Uma mulher dirige o gabinete telegráfico da companhia; outra faz parte dos especializados encarregados de calcular a hora do nascer e do pôr do sol em todos os pontos do glóbo, um dos mais importantes elementos para os vôos sobre os territórios ocupados pelo inimigo.

Os pilotos da British Overseas mudaram, depois da guerra, os seus itinerários habituais. O piloto que assegurava o serviço das expedições de jornais entre Londres e Paris e, depois, do correio aéreo nocturno entre Londres e Berlim, efectua agora a linha trans-africana. Um dos aviadores mais reputados da antiga linha Copenhague-Hamburgo, trabalha agora nos serviços trasatlânticos. Muitos outros dos países setentrionais asseguram a linha em ferradura que liga Durban ao golfo pérsico e à Índia.

Os pilotos recordam-se ainda da época em que as escalas para reabastecimento de com-

Um grande Maestro inglês em Lisboa

(Continuação da pág. 19)

no «Leeds Festival» dirigindo a «Belshazzar's Feast». Empolgado o público. A crítica cobre de elogios o maestro e o compositor. O seu nome divulga-se na Europa. Dirige também as primeiras audições de «Hugh the Drover» de Vaughan Williams e de «At the Boar's Head», de Gustav Helst's.

Mas as massas corais, na orquestração dos motivos tradicionalistas da música inglesa, tentam-no com vivo entusiasmo. Ensaia espectáculos admiráveis de densas multidões, com uma segurança, um ritmo e uma sonoridade extraordinárias. Mas mesmo nesse aspecto, o dr. Malcolm Sargent é apontado como um inovador. Ao reviver esses motivos folclóricos ingleses, dá-lhes um cunho moderno, embora respeitando o conceito temático. As características principais desta notável figura musical, que exprime com a mesma facilidade os antigos, os clássicos e os modernos, são a delicadeza de tonalidade e o vigor da direcção.

Ficou famosa a sua apresentação, em corpo coral, do «Sonho de Gerontius», de Elgar. Malcolm Sargent tem demonstrado um vivo interesse pela educação infantil, sendo o criador de concertos para crianças na Inglaterra e no Império.

As audições Couertauld-Sargent, tantas vezes ouvidas pela B. B. C., tornaram-se famosas no mundo musical.

Estava na Austrália, ao estalar a guerra. Imediatamente regressou a Londres e ali, apesar de estar no auge a batalha aérea de Inglaterra, organizou uma série de concertos, de tal êxito, que o governo lhe deu autorização para requisitar todos os locais que entendessem para prosseguir nessa magnífica obra.

O dr. Malcolm Sargent é director da Real Sociedade Coral de Inglaterra e da Orquestra Sinfónica de Leicester.

bustivel eram simplesmente constituídas por pontos do deserto onde estavam colocados depósitos de gasolina; do tempo em que Tobruk era apenas um centro de pesca de esponja! Têm no seu activo vôos que representam milhões de quilómetros de distância e durante os quais não correram nunca um risco inútil. Eles estão prontos, se necessário for, a suportar todos os horrores da guerra. A campanha de Creta não foi para eles mais do que uma brincadeira.

Mas todos os pilotos esperam com impaciência o dia em que os seus aviões poderão, enfim, sem itinerários secretos e sem mistérios, prosseguir a sua missão pacífica nos caminhos aéreos de todo o mundo.

PHILIPS

PHILIPS

É

PHILIPS

sempre a melhor

O ATAQUE A TRIPOLI PELO SUL

por CARLOS FERRAO

«*N*A região de Fezzan, a luta continua». Tal é o texto habitual dos comunicados do general Leclere, que, com as suas tropas avança seguramente em direcção a Tripoli, cidade de que o afastam apenas cerca de quatrocentos quilómetros. O general Leclere não entra em pormenores porque nas regiões desérticas do sul da Tripolitânia o segredo é uma condição tão necessária à vitória como na imensidade do Pacífico. A região de Fezzan de que os seus comunicados habitualmente falam é bastante extensa, cerca de 500 km. na direcção norte sul por cerca de 900 km, na direcção leste oeste. Do lago Tchad a Tripoli distam cerca de 2000 km. A simples indicação destas distâncias basta para dar uma idêia da dificuldade do empreendimento cometido às bravas tropas do general Leclerc. Até que ponto pode o avanço dessas tropas influenciar o curso dos acontecimentos que, mais no norte, se estão produzindo na região costeira entre Misurata e Bizerta? As qualidades combativas dessas tropas não podem ser postas em dúvida ainda recentemente afirmados de maneira inequívoca.

De qualquer maneira trata-se de uma contribuição apreciável para a realização da tarefa comum que consiste em expulsar do continente africano as tropas do «Eixo». Mesmo não considerando o avanço do general Leclerc como um factor de capital importância para a decisão da campanha é justo pôr em relevo as dificuldades da expedição as quais têm sido vitoriosamente vencidas.

Os carros de combate incorporados nessa expedição têm de atravessar uma estrada histórica, a estrada que de Tchad conduz a Tripoli passando por Murzuk. Era por ali que os cartagineses, primeiro, e depois deles os romanos comerciavam com as populações indígenas do interior de África sendo as suas caravanas inventadas pelos garamantes, um povo relativamente culto que habita há séculos a região de Fezzan. Os historiadores da antiguidade fazem-lhe referências particularmente favoráveis.

A sua actividade levou ao aproveitamento dos mais valiosos oásis locais onde surgiram povoações de certa importância, Murzuk, Katrim, Tizerri, das quais a primeira com alguns milhares de habitantes é a mais importante. Os wadis que por ali são numerosos, consideram-se como a expressão actual de um antigo e valioso sistema hidrográfico que tinha o seu termo no golfo de Sirte.

Vários postos encontram-se agora ameaçados de uma forma directa pelas tropas do marechal Leclerc. A imensidade arenosa, onde as emboscadas e as surpresas se multiplicam, não conseguem deter o avanço desses combatentes de «élite» que se preparam para ter um papel apropriado à grandza dos seus sacrifícios na vitória comum a alcançar no Norte de África.

Circos ambulantes

(Continuação da página 11)

gar proeminente no programa e, muitas vezes, é essa modalidade gymnástica que salva as situações difíceis, criadas por qualquer deterioração, irreparável de momento, ocorrida nos trapézios ou no arame; a pequenina contorcionista nunca falha no programa, provocando arrepios as espantosas manifestações da sua especialidade artística; também fazem parte do espectáculo dois ou três rafeiros, ou alguma cabra, amestrados, que deliciam o público; mas este delira, enlouquece quasi, com os palhaços, que, na maioria dos casos, fazem um esforço heróico para ocultar as dores com que a sua miserável situação lhes retalha a alma. Ingênuos, cheios de ardente fé num futuro risonho, os artistas dos circos ambulantes

são dum arrojo que emociona profundamente e, nos seus exercicios, manifestam um ilimitado desprezo pela vida, abalaçando-se a executá-los em condições que, a toda a hora, põem em sobressalto aqueles que, como espectadores, sabem aquilatar da imensa soma de perigos a que eles estão sujeitos.

Se lhes dessem possibilidades, ou se o seu espirito, ébrio de independência, lho permitisse, fariam, nos grandes circos das capitais, tão boa figura como os mais afamados artistas. Porque, apesar da sua pobreza, da sua vida errante e da multiplicidade de trabalhos a que têm de entregar-se são, na generalidade, produtos duma raça nômade de artistas de valor.

S. Saboya

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

Companhia Nacional de Navegação

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL
E ORIENTAL

Paquete

LOURENÇO MARQUES

Sai a 23 de Janeiro de 1943

recebendo carga e passageiros para Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira, e Moçambique e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação

Para esclarecimentos e informações:

EM LISBOA: — Rua do Comércio, 79 e 85 — Telef. 23021 a 23026
NO PORTO: — Rua Infante D. Henrique, 73 — Telefone 1434

B.B.C.

A Voz de Londres fala e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

Hora de Lisboa

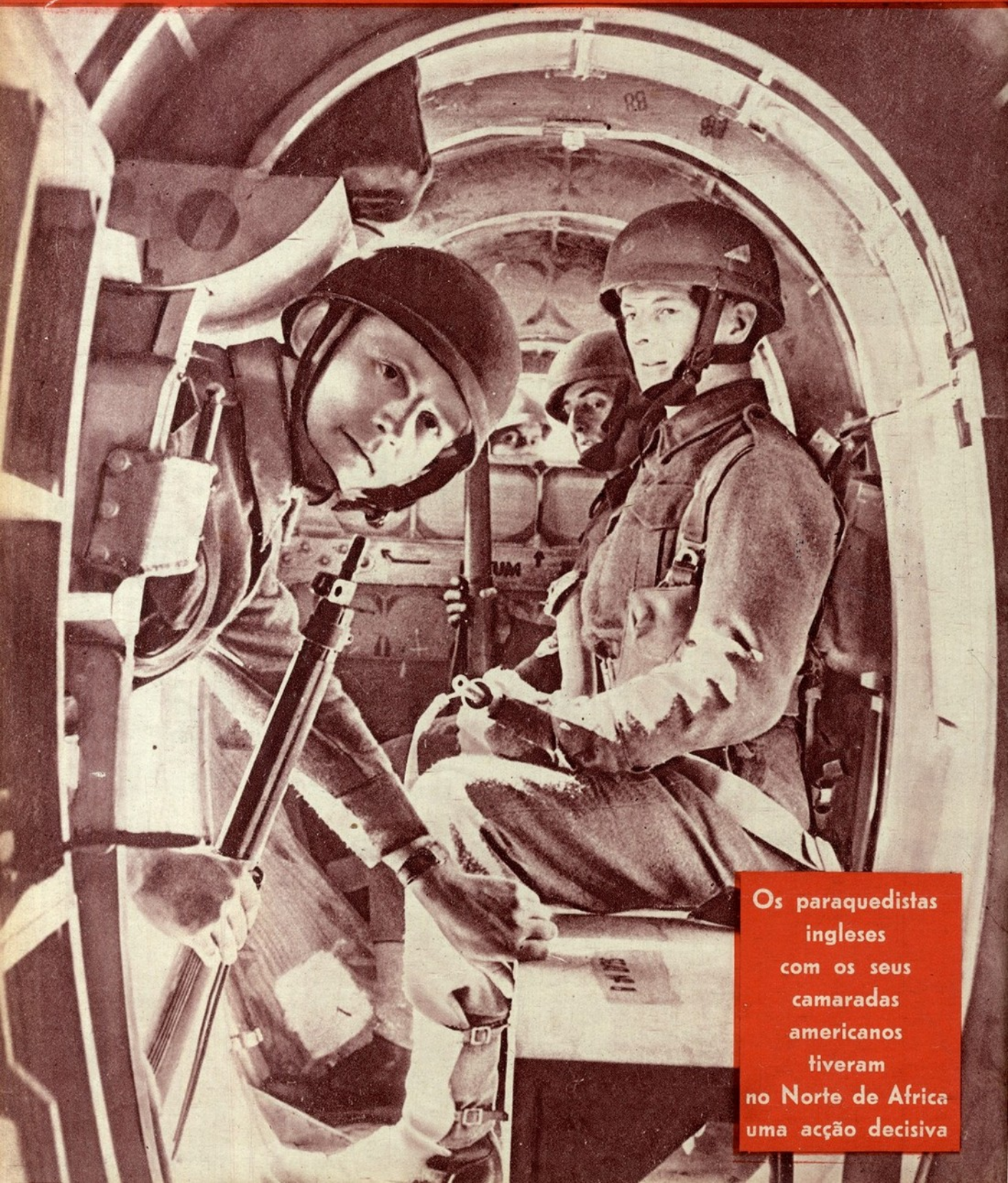
10,45 — Noticiário { 24,92 m. (12,04 mc/s)
19,76 m. (15,18 mc/s)
13,86 m. (21,64 mc/s)

12,15 — Noticiário { 24,92 m. (12,04 mc/s)
e Actualidades { 19,76 m. (15,18 mc/s)
13,86 m. (21,64 mc/s)

21,00 — Noticiário { 41,75 m. (7,18 mc/s)
e Actualidades { 42,11 m. (7,13 mc/s)
31,75 m. (9,45 mc/s)
30,96 m. (9,69 mc/s)
261,1 m. (1,149 kc/s)
1.500,00 m. (200 kc/s)



MUNDO GRÁFICO



Os paraquedistas
ingleses
com os seus
camaradas
americanos
tiveram
no Norte de Africa
uma acção decisiva